

E' preciso acabar com a falta de casas

Julga muita gente que a questão do inquilinato ficou resolvida pelo simples facto de um decreto recente ter prorrogado as disposições da lei em vigor sobre o assunto. Estamos habituados a verificar a inutilidade dos decretos, que só têm, em regra, alguma força quando uma outra força os apoia — a força da opinião pública.

Neste caso do inquilinato, como em todos os casos idênticos, muito mais do que todos os decretos valeriam os factos, isto é, as obras necessárias que atenuassem a enorme falta de habitações, visto ser nessa falta que reside a origem da questão do inquilinato.

Ora muito antes do último decreto essa falta de casas existia e continua a existir. O que se impugna, como remédio eficaz, seria a construção de moradias bastantes para alojar todos os que de habitação precisam. A abundância de casas obrigaria, pela concorrência que se estabeleceria, as rendas elevadíssimas a baixarem.

Há muito tempo que vimos preconizando a construção de casas baratas e acessíveis à bolsa dos poucos endinheirados, como medida salutar para o descongestionamento de habitações que estão comportando à força duas, três e mais numerosas famílias. Os prejuízos morais da promiscuidade que se verifica actualmente em Lisboa são incalculáveis. Basta atentar-se na dissolução de costumes que tão grande incremento tomou nestes últimos anos, para se compreender que a promiscuidade originada pela falta de moradias é um dos principais factores da imoralidade do nosso tempo.

De iniciativa particular têm surgido vários alvites para a construção de bairros populares. Nunca o Estado se preocupou com eles. E os alvites, até hoje, não têm passado de alvites. Mesmo aquela febre de construções que existiu até há poucos anos cessou devido à crise económica que atravessamos. Presentemente não se edificam moradias. As classes da construção civil atravessam uma crise pavorosa, atormentadora. E o habitante de Lisboa vê-se doído para obter um nicho onde se meter.

Se se fomentasse a construção de casas, obter-se-ia remédio para uns poucos de males: dar-se-ia um golpe na carestia das rendas, descongestionar-se-iam muitos lares e atenuar-se-ia a crise de trabalho.

UM PROBLEMA DA ACTUALIDADE

A jornada de seis horas

A Batalha prepara a breve publicação de um estudo notável do escritor revolucionário Diego Abad de Santillan. Refere-se a um problema gravíssimo que o proletariado coloca ante a formidável crise do capitalismo: a redução do tempo normal de trabalho para atenuar a vastíssima desocupação dos trabalhadores. O estudo de Diego Abad de Santillan, que a Batalha começará a publicar dentro de breves dias, intitula-se

A jornada de seis horas

A demonstração do desenvolvimento técnico e a sua influência no mercado do trabalho é feita por Diego Abad de Santillan com uma proficiência inigualável. Os nossos leitores, nomeadamente o proletariado, que sofre as horribes consequências da falência capitalista, deve prestar a sua atenção e o seu desejo de conhecer ao trabalho valioso de Diego Abad de Santillan

A jornada de seis horas

E' NO PROXIMO SABADO que se realiza em Cascais a festa em homenagem à "Batalha"

E' já no próximo sábado que se realiza em Cascais a festa em homenagem à Batalha, promovida por uma comissão de amigos deste jornal.

A festa principia por uma palestra do nosso camarada de redacção Mário Domingues, que dissertará sobre um tema polivalente.

Depois, a Companhia Araújo Pereira representará várias peças do seu vasto repertório e os bailarinos Erasto e Aurorita apresentarão alguns dos seus clássicos baletados.

Alguns cultores da canção nacional e um magnífico grupo de músicos completarão o programa.

A CURA DAS DOENÇAS PELAS PLANTAS, livro útil às boas donas de casa. Preço 2\$00; pelo correio, 2\$50. Redidos à administração de A Batalha.

Um manicómio misterioso onde os doentes são sujeitos a um regime penitenciário e a uma terapêutica original

A casa da rua do Arco do Cego — A entrevista com o proprietário do exclusivo manicómio — O sequestro como agente de cura — A loucura é, afinal, o resultado do mau funcionamento dos intestinos — Por abnegação trata-se a 1.200\$00 por mês os loucos — E o mais que o leitor encontrará

O prédio número dezasseis da rua do Arco do Cego, em cujo primeiro andar se dão instruções sobre o internamento de loucos, conforme anúncio que ontem transcrevemos, é de aspecto sórdido. De fisionomia envelhecida, epiderme riscada pelas intempéries, assemelha-se aos pardiéis dos bairros pobres. A escada não desmancha a expressão exterior, feia e suja, exalando um odor exótico do original W. C. que a gataria ali improvisou. Mas era naquele prédio que se dizia das últimas maravilhas sobre a cura das várias psicoses e outro remédio não havia do que avançar até ao primeiro andar. Foi o que fizemos.

Anunciados que fomos pelo tinar da prosaica campanha da porta do lado direito, apareceu-nos uma mulher de idade inquietando o que desejávamos.

— E' nesta casa que se recebem loucos, dizem-me, faz favor? — respondemos.

A informação tardou. Aquela figura estranha não respondeu logo. Como o olhar percorreu-nos dos pés à cabeça, num misto de desconfiança e de curiosidade. Só passados alguns minutos é que nos disse:

— A pessoa que trata do caso esteve ontem até às 16 horas à espera de clientes. E como eles não viessem retirou-se.

— Nesses casos não lhe posso falar? — atalhamos.

Uma nova contracção nervosa denunciou no rosto da nossa interlocutora visível inquietação. Havia da parte dela certo receio em falar com o «cliente». Mas porquê? Não dizia o anúncio: «Loucos recebem-se. Temos atestados de curas feitas...» Logo, éramos um cliente como qualquer outro... Iamnos para declinar a nossa qualidade de bom cliente, quando a mulherzinha nos convidou a entrar para «aquela sala» e a esperar ali pela criatura que trata do caso. Assim fizemos.

O consultório do original alienista

Passado um estreito corredor, de deficiente luz, chegámos ao consultório do alienista sempre no meio de grande mistério. Nova decepção e uma sensação nova nos invadiu. Afinal, o consultório não passava de uma simples sala de jantar, com o seu guarda-pratas, com o seu aparador, com a sua mesa e com as suas cadeiras. O cenário nem de longe se parecia com o de um consultório. Mas que diabo, para ali é que dizia o anúncio...

Estávamos mergulhados nas mais inverosímeis conjecturas quando reparámos que estávamos sós, sob o olhar penetrante de uma figura, cuja fotografia emoldurada estava suspensa na parede, que acompanhava os nossos movimentos. Seria a fotografia do alienista? Que horror! Não tardaria que o soubéssemos...

De súbito uma voz cortou aquele silêncio. — Onde foi fulana? — Foi chamar o sr. Lagos para falar a um senhor que ali está — respondeu uma voz feminina.

E durante alguns minutos duas mulheres trocavam confidências em voz tão baixinha, que nem ouvindo de tísico conseguia distinguir... No corredor que dá acesso à cozinha passou ligeira uma criatura. A nossa voz obrigou-a a retroceder. Queríamos que nos dissesse se ainda se demorava muito tempo quem procurávamos.

— Ele não demora. Foram já chamá-lo. Ele mora perto, ali no largo do Leão — respondeu-nos.

A entrevista do «cliente»

Pouco depois deste episódio a campanha da porta tiniu de novo. Era o «alienista»

que chegava. Endireitámos a gravata, não fosse ela descobrir a nossa qualidade de «repórter», perfilámos-nos em posição de sentido e aguardámos a entrada do nosso homem.

Como o dia e a entrevista nos destinaram a grandes surpresas não foi de estranhar que tivéssemos mais uma. A pessoa que chegou parecia mais um mercetário do que um alienista. Era um homem baixo, cabelo branco, denotando os seus 55 anos.

— E' o senhor que trata da admissão de loucos? — perguntámos.

O leitor vai julgar que ele respondeu à nossa pergunta. Pois enganase. Foi pelo contrário ele quem nos interrogou:

— Mas é de algum doente furioso?

— Não, senhor, respondemos serenamente. O meu doente é inofensivo. Trata-se de um caso de demência parálitica. Não faz mal a ninguém...

— Mas não tem fúrias? Não é mau? Não é perigoso?

E neste chorrilho de perguntas o homem se perdeu durante alguns minutos. A todas elas respondemos com a mesma serenidade:

— Não, senhor! Não, senhor! Não, senhor! Um pouco mais confiante, o homem inicia a sua preleção «científica».

— Eu já tive uma casa de saúde para alienados. Curei lá muita gente, como posso atestar com o testemunho de algumas pessoas. O meu processo é eficaz...

E logo a seguir, à guisa de confirmação:

— Mais tarde posso mostrar ao senhor essas honrosas menções. Curei muita gente pelo meu processo...

Um regime celular para os loucos

Quisemos saber imediatamente qual era esse processo que tinha conseguido as inúmeras curas de que o nosso alienista nos falava. E ele informou-nos:

— Nos manicómios não se curam loucos. O doente entra para ali e ali fica eternamente. A terapêutica usada não produz benefícios efectivos. O doente está ali vinte e trinta anos sempre na mesma. Na minha casa não. Raro é o doente que não se cura.

— Era um especial favor que o senhor me dissesse alguma coisa sobre a sua terapêutica — atalhamos.

O nosso entrevistado coufuiu o alvo bigode, puxou a cadeira mais para o pé da nossa e com modos austeros e expressão de mestre, foi dizendo:

— Eu tenho um método que vê os meus doentes...

— Como se chama? — perguntámos imediatamente.

A resposta foi mais demorada, porque o nosso entrevistado é pessoa segura que não vai ao primeiro impulso. E só depois, quando compreendeu que não tínhamos grande interesse em saber o nome do método, é que nos disse:

— O meu método, o dr. António Fernandes, vai seguindo as fases da doença. Eu apenas estabeleço o regime da cura.

— E qual é?

— O louco não pode gozar de liberdade porque não se cura. O louco deve só ver o mesmo cenário e a pessoa que o trata. O louco deve estar metido num quarto) numa cela) dissemos nós intimamente) só ver o seu tratador. Não pode receber visitas, nem respirar outro ambiente. E' assim que se faz na minha casa. As famílias vêm o doente pelo rótulo da porta, sem que ele veja os seus parentes.

Pasmai, oh psiquiatras!

Parte da terapêutica do nosso entrevistado já nós conhecíamos. Isto é: já sabíamos que ele ia meter o «nosso parente» numa

cela, como um vulgar penitenciário, só vendo o tratador e não respirando outro ambiente. Em perfeito sequestro, compreendia-se. Faltava que ele nos dissesse da sua clínica alguma coisa. E o «bom alienista», julgando-se em presença de um bom cliente, informou:

— Os doentes não se curam devido ao facto de os seus intestinos não funcionarem bem. A prisão de ventre é um dos mais poderosos agentes de loucura...

Como sorríssemos, o nosso entrevistado muito ataralhado acrescentou:

— Sim, porque se o senhor tiver dor de barriga ha-de necessariamente ter dor de cabeça...

Concordámos... Naquele momento concordávamos com todos os absurdos. E foi por isso que lhe ouvimos est'outra frase que vale por uma tirada de mestre:

— Pois na minha casa obrigo o doente a evacuar todos os dias. Só assim é que ele melhora.

Tudo por abnegação...

Sabíamos agora que, afinal, a loucura é uma simples «dor de barriga». Queríamos saber onde é que se curavam os loucos pelo processo do cavalheiro com quem falávamos e quanto se pagava nesse estabelecimento.

— Bem. Na verdade, a terapêutica do senhor é tudo quanto há de melhor. Preciso agora de saber quanto se paga na sua casa!

— Olhe. Eu tenciono comprar um prédio para nele instalar uma casa de saúde para alienados. Enquanto não comprar esse prédio recebo na minha casa os doentes que são tratados por mim e por minha mulher.

— E quanto se paga?

— As mensalidades são: com enfermeiro, 1.200\$00; sem enfermeiro, 900\$00!

E acrescenta:

— Eu não preciso disso. E' por abnegação que trato de doídos. Já tive uma pessoa de família atacada de loucura e é por isso que eu me lembro desses infelizes.

— Mas onde fica esse manicómio? — perguntávamos a nós mesmo. E para sair do incógnito dissemos:

— Está bem. Eu vou tratar com a minha família do internamento do meu doente. Diga-me o senhor como se chama e aonde me hei-de dirigir.

O manicómio misterioso

Como estávamos ainda em maré de surpresas o nosso homem obrigou-nos a outra decepção.

— Como raras vezes estou na minha casa, o melhor é dirigir-se à rua do Arco do Cego, 17, 1.º dt.º, a casa onde nos encontramos.

— E o nome do senhor?

— Chamo-me Frederico Vilhena e sou muito conhecido...

Despedimo-nos do nosso entrevistado. E viemos conjecturando sobre o diálogo da véspera surpreendido junto ao largo do Leão e a entrevista que acabávamos de ter, pensando também que o nosso entrevistado, é conhecido pelo nome de Lagos na casa da rua do Arco do Cego, enquanto para nós ficava chamando-se Frederico Vilhena. Porque será?

E' bom não esquecer que o nome de Lagos foi o proferido pelas duas mulheres do largo do Leão. No entanto, como terminou a nossa missão ali deixamos ao leitor o que conseguiu apurar o «repórter»:

Tratar-se há de um vulgar charlatão? Tratar-se há de uma criatura perigosa? Não nos compete a nós responder!

Os dirigentes do Banco de Portugal têm desacreditado mais o Estado do que as gazetas revolucionárias

A representação em Haia de uma peça pateada — Como são tolerados na Holanda os Inocências do Banco de Portugal — Como serão acolhidos por cá?

A Batalha incarna um ideal superior de perfeição humana. Aspira a uma sociedade perfeita formada por homens perfeitos. E como aqueles que estão naturalmente no caminho dessa perfeição ideal são os que vivem do trabalho útil e honesto, cre que a moral do futuro procurará a sua base no Trabalho, como em épocas pretéritas se procurava nas virtudes religiosas ou nas qualidades guerreiras.

A sociedade actual enferma de defeitos, provenientes da sua própria natureza, que não de conduzi-la ao túmulo. Baseada na exploração do homem pelo homem, a sua moral ressentida dessa exploração que se transfere, devido à protecção dos códigos, em virtude cívica. Assim, o mais explorador é, em regra, o que dispõe de maior influência e consideração social. O mais ladrão é o que alcança os melhores gozos da vida que devam destinar-se afinal aos mais probos e aos mais honestos.

A Batalha representa na sociedade presente a força que reage contra essa moral perversa. E como a simples afirmação de uma doutrina mais bela não basta para convencer a multidão sofreadora de que a causa do seu sofrimento provém da moral social predominante, lança mão de todos os factos que confirmem as suas críticas, aponta todas as infâmias que o ventre da organização social capitalista gera a cada instante.

O caso Angola e Metrópole-Banco de Portugal é dos mais flagrantes, é dos que mostram nitidamente até que ponto a avareza moral burguesa — que dá honras a quem menos honra tiver — pode conduzir os homens. E' essa moral, a moral do dinheiro que impele os homens até aos mais nojentos actos. E são precisamente aqueles que detêm, como os dirigentes do Banco de Portugal, as posições mais altas e melindrosas que mais se tentam pela riqueza e que maior desprezo têm pelo povo trabalhador de cujo esforço vivem e engordam parasitariamente.

Precisamente os que até certo ponto são, pela observância da Lei iníqua, os representantes da mesma Lei, os que, não se contentando com os benefícios imerecidos que ela lhes faculta, a atraíam ultrapassando os limites da própria iniquidade para mais benesses e lucros fabulosos alcançarem.

Por isso neste caso do Angola e Metrópole e Banco de Portugal mais nos interessamos em apontar a imoralidade dos que representam o Estado e a moral burguesa do que os outros que arrostando com os perigos que o desrespeito à Lei implica conceberam e executaram o formidável plano da emissão das notas.

Os dirigentes do Banco de Portugal, escudados nas suas posições de confiança do Estado, ao lançarem inúmeras emissões secretas de notas — de que as do tipo «Vasco da Gama» foram um incidente infeliz — merecem maior repulsa do que os do Angola e Metrópole que uma só emissão fizeram e essa mesmo de sociedade com os defensores do crédito nacional, com os arautos da indiscutível honorabilidade do Banco emissor e de outras patacoadas burguesas retumbantes e sonoras que no fundo ocultam

Foi em casa de D. José de Barahona que se efectuou a primeira reunião dos adeptos do Espadim Português. O que se disse nessa reunião... Jesus! é de levar toda a gente ao suicídio! Parecia que os odiados apóstolos do bojevismo haviam incutido naquelas almas o furor destrutivo que não se compreendia muito bem nos defensores da sociedade. Quem os espreitou, viu de lá com a atemorizada impressão de ter assistido a uma conjura de demónios...

Na célebre reunião, expoz D. José de Barahona, com uma eloquência vulgar de agitador sectário, todas as bases da organização, o seu plano de «revolução», os intuitos da conspiração.

O esperancoso conde animou os presentes com o enunciado das suas poderosas influências na sociedade, garantindo que toda a acção conspiratória ficaria impune, pois os próprios republicanos seriam «os melhores soldados da vanguarda», uns, não acreditando e acomodando-se até ao momento da restauração, outros, acobardando-se ou deixando-se vencer pelo número. No fim, aderiria a maior parte e seria inutilizada aquela minoria que resistisse.

A moral dos republicanos — dos políticos republicanos, como ele dizia, em ar de desprezo — conhecia a D. José de Barahona, ao que parecia. Assim, referiu que uma senhora das intimas relações do sr. António Maria da Silva, que é também esposa de um advogado em Lisboa, aproveitava-se da liberdade que usufruía em casa do político, hoje derubado, se ocultava convenientemente para surpreender as conferências políticas que o antigo chefe democrático habitualmente efectuava — em casa da espia. Em que ponto é verdadeira esta informação? Não sabemos, nem nos compete averiguar, deixando aos republicanos esse encargo.

O conde da Esperança justificava o seu título com a afirmação de um breve regresso da monarquia. Exultou, na surpreendida reunião, com a organização defensiva das classes conservadoras, que ele iria impulsionar até ao triunfo definitivo.

Foi nesta reunião que se deu incumbência aos chefes dos grupos de recrutar a gente necessária a, no momento da «revolução» monárquica, se realizar, metódica e simultaneamente todos os pontos do minu-

sempre a mesma moral reles — a moral da exploração humana.

Os homens do Banco de Portugal nem coragem têm para arrostar com a responsabilidade dos seus crimes, praticados impunemente, com a protecção descarada dos governos. Parece, se é certo o que nos dizem, que os homens do Banco emissor vão ser, emfim, chamados a capitular pelas respectivas instâncias oficiais. E' uma satisfação tardia que se dá a um povo que já não os acredita há muito tempo. E' tardia porque eles têm tido enjoo de sobre até hoje de, depois de terem corrompido meio mundo e de tentado mostrar-se como símbolos de honestidade em Lisboa, írem fazer em Haia uma triste reprise dessa peça vergonhosa que, de mal desempenhada que se apresenta, em vez de provocar aplausos amistosos, apenas gera pateadas gigantes.

A atitude dos três dirigentes do Banco de Portugal quando lhes apresentaram, em pleno tribunal, as notas de 1.000 escudos tipo Luís de Camões da mesma série e com numerações iguais foi vergonhosa. Não tiveram uma palavra decisiva, nem o génio da mentira os iluminou naquele instante. Ficaram esmagados. Titubaram, meteram os pés pelas mãos e nada explicaram.

Mas que haviam eles de explicar se aquelas notas iguais no seu mutismo eloquentíssimo tudo diziam? Diziam da falta de escrúpulos antigos que tem levado, desde há muito, os dirigentes do Banco de Portugal a fazerem quando lhes apetece emissões secretas de notas, com escalas repetidas. Diziam que a atitude enigmática de Waterlow decerto se filiava no facto de, para plenamente se justificar, ter de revelar o segredo de que emissões se repetiam na sua casa por ordem dos «inocências».

Na Holanda estão, ao contrário do que a imprensa burguesa diz, os homens do Banco emissor colocados na desastrosa situação de tolerados. Já ninguém tem por lá a menor dúvida acerca do seu estorfo moral. Perdeu o Banco de Portugal mais crédito no minuto em que o advogado de Marang apresentou aos seus dirigentes os exemplares acusadores de A Batalha e as provas palpáveis da esmagadora acusação, do que durante o ano de vergonhas que em Lisboa se sucederam sob a protecção amigável de Alves Ferreira e António Maria.

Nesse minuto o Estado português perdeu o seu crédito até ao ponto máximo de não lhe aceitarem na Holanda as notas do seu Banco.

Gostariamos de adivinhar que espécie de recepção oficial terão, ao regressarem a Lisboa, os srs. Inocência Camacho, Mota Gomes e Fernando Emídio da Silva. Eles estão ainda investidos de cargos que constroem a moral burguesa e capitalista. Eles foram, a pesar-de tudo, uns mais servos dessa moral. Seria lógico que nós, os chamados inimigos da sociedade, os ovacionássemos no Rossio e a Polícia de Investigação Criminal os apupasse. E, por paradoxo, é possível que se dê o contrário: a pesar-de eles terem contribuído mais para o descrédito da burguesia capitalista do que os artigos mais enérgicos das mais enérgicas gazetas revolucionárias.

cioso programa terrorista do Espadim Português.

Testemunhos de «simpatia» monárquica para com A BATALHA...

Do plano monárquico há uma passagem que nos interessa. D. José de Barahona, no longo discurso que pronunciou na reunião «secreta» em sua casa, desafegou o seu ódio reaccionário contra A Batalha. Ele reconheceu, em família, está claro, a grande ascendência de A Batalha na opinião popular, considerando que o nosso jornal «era uma arma bastante perigosa nas mãos dos agitadores inimigos da sociedade».

Disse ainda o conde da Esperança que as classes conservadoras nunca poderiam contar com o silêncio e a indulgência de A Batalha sempre que aquelas tentassem organizar-se para a sua queda.

E disse bem, D. José de Barahona. A Batalha, custe o que custar, nunca deixará de soltar o «aleria» sempre as classes burguesas se disponham a oprimir mais as classes proletárias. Nós sabemos muito bem que a defesa da justiça, da liberdade, de todas as reivindicações sociais e económicas do povo, quanto mais ardorosa e intransigente for, mais cruéis represálias provocará se um triunfo reaccionário não for hipotético ou efémero...

O ódio dos monárquicos e a impotência dos republicanos

Os monárquicos do Espadim Português consideram D. José de Barahona — um chefe. E' um chefe que conhece toda a estratégia do terror. Porisso, não se esqueceu de que um assalto à Batalha, com a desordem monárquica nas ruas, seguido do encerramento e destruição do jornal, poderia ser um decisivo elemento de vitória. Não se esqueceu o conde terrorista de denunciar aos aulicos que tem sido A Batalha um inimigo implacável, cuja acção «perniciosa e subversiva» tem contribuído para o fracasso de tantas tentativas de organização «defensiva» feitas pelos conservadores — como quem diz, pelos monárquicos. A destruição de A Batalha não podia deixar de

A SOMBRA MONÁRQUICA

Um conde que se faz chefe do «Espadim Português»,

Os desmentidos irritados do Correio da Manhã são o melhor divertimento desta nossa ofensiva à conspiração que os monárquicos estão entretendo, supondo-se fortes e animados por vaticínios que só eles consideram infalíveis. O Correio da Manhã anda espreitando a nossa campanha, como quem apresente um perigo que não se desenhasse ainda. Sorrimos condescendentemente da indignação de um jornal dirigido por um formoso paladino da moral pública — como o poderia atestar o regedor da freguesia de Santa Catarina, se os pretores pudessem investigar matéria de má-língua...

Quando se conhecer que co-religioso existe entre o órgão monárquico da rua da Barroca e os organizadores do Espadim Português, uma gargalhada salutar será a consagração do fervor caudístico do atribulado Correio da Manhã. As nossas informações não sofrerão ainda um desmentido categorico dos monárquicos, que talvez andem confiados da coincidente ignorância e apatia dos republicanos, dos mesmos republicanos que tão perspicazes sempre foram em descobrir a revolução social em simples greves de protesto.

O Correio da Manhã recebe menos a adversidade ostensiva dos republicanos do que o vago e indefinido perigo das nossas informações. Impossíveis ante a indecisão

de todos, monárquicos e republicanos, a todos iremos informando, sem função de alvitreiros, sem intento de novelismo policíaco, acerca da actividade que os reaccionários estão desenvolvendo na sombra.

Aponta-se o chefe da organização monárquica

Estamos tão seguros do que vamos dizendo, e também do que deixaremos, ponderadamente, de dizer, que as falsas cartas ameaçadoras e anónimas e os desmentidos dos monárquicos não nos farão hesitar um momento. Os desmentidos e as cartas anónimas, uma vez confirmadas e outras mostram ignorar, a autenticidade dos nossos relatos.

Quere, por exemplo, o Correio da Manhã, quere, também, os adormecidos e intimidados republicanos, que revelemos o nome do principal organizador, da verdadeira actividade, do Espadim Português?

D. José de Barahona é um grande lavrador do Alentejo, tem fartas propriedades não muito longe de Beja e é pessoa muito cotada nos meios distintos da sociedade portuguesa. Usa um título de nobreza, cremos que o de conde da Esperança, e tem exercido uma exaustiva actividade na orga-

nização do que ele considera a «defesa da classe conservadora». As suas relações no grande mundo, aliadas a outras circunstâncias que não vale, por agora, referir, pois, muito teríamos de dizer, tornaram-no muito esperancoso no triunfo de uma causa abominável, condenada sem remissão pelos próprios princípios políticos do século. D. José de Barahona foi, em suma, o inspirador, o organizador e o orientador do Espadim Português.

Negar o Correio da Manhã as opiniões monárquicas de D. José de Barahona? Só o fará por pirraça nascida do amio político que provocou a «grande» dissidência monárquica manifestada a tiro...

D. José de Barahona constituiu o Espadim Português, não contra a vontade, não sob qualquer antipatia, mas, apenas, se a menor consulta, aos organismos da causa monárquica, que é provida não se opunham nem discordem...

A primeira reunião do «Espadim Português»

D. José de Barahona era o chefe supremo, o supremo chefe do Espadim Português, a secreta organização monárquica, cujos componentes de alta roda se reuniram algumas vezes em casa do esperancoso titular.

TEATRO SALÃO FOZ

Matinée às 3 h. - Noite às 8,45 h.
COLOSSAIS SÊSSÕES CINEMATOGRAFICAS
UMA ÚNICA EXIBIÇÃO COMPLETA
quer na «matinée» quer na «noite»
do super-film em 2 jornadas - 12 partes

A Irmã Branca

Esta obra que é uma das maiores produções do insigne escritor Francis Marion é brilhantemente interpretada pela formidável artista

LILIAN GISH

EM FIM DE FESTA
A notável estréia de variedades

FABIOLA

Batéis espanhóis e «completos» cómicos
Concerto pela FOZ MELODY BAND
PREÇOS POPULARES
Amanhã - Estreia dos duetistas franceses a grande voz MARTY ET RIANI que têm estado obtendo um enorme sucesso no Casino de Paris

TEATRO AVENIDA

Telef. 11.4395
O teatro mais popular de Lisboa
HOJE, às 21,30 horas
COMPANHIA SATANELA-AMARANTE
Especialidade em farsa e comédia e o único teatro que explora com êxito e agrado, o gênero da comédia musicalizada
O monumental «vaudeville»

O Dr. da Mula Ruça

O estrangeiro através do telégrafo

O rescaldo do tratado de Versailles

O desarmamento da Alemanha

LONDRES, 29. - «The Times» publicou um «memorandum» diplomático do governo britânico, enviado aos gabinetes de Paris, Roma e Bruxelas, no qual expõe o programa mínimo que em sua opinião deve ser exigido da Alemanha como execução das cláusulas de desarmamento do tratado de Versailles.

O referido programa contém quatro pontos: subordinação dos chefes da «reichswehr» ao ministro da defesa, regularização do recrutamento e das associações militares, fiscalização da exportação de armas e munições e destruição das novas fortificações da fronteira oriental.

Briand respondeu a Chamberlain que se o princípio da política externa mantém a conciliação com a Alemanha, nesse sentido a evacuação de Colônia foi concedida na esperança de uma rápida execução das cláusulas de desarmamento, ainda previstas no programa mínimo.

O sr. Briand entregou o «memorandum» britânico aos peritos militares para o examinarem, devendo o seu relatório ser submetido à próxima conferência de Genebra.

Uma decisão da conferência dos embaixadores

PARIS, 29. - A conferência dos embaixadores resolveu retirar a comissão de controle verificadora a execução da cláusula do Tratado de Versailles, entregando o controle a uma comissão especial da S. das N.

Um barco que se incendia no alto mar

COLOMBO, 29. - A bordo do vapor inglês «Ayrshire» foi descoberto um incêndio, no momento em que partia para a Europa. O vapor «City Nagpur», recebendo o sinal de S. O. S., partiu em seu socorro, tentando extinguir o incêndio.

A tentativa, porém, falhou, e os passageiros e a tripulação do vapor incendiado foram transportados, sãos e salvos, para bordo do vapor «City Nagpur», e em seguida, a corveta inglesa «Lupin» meteu o «Ayrshire» no fundo.

As dissensões fascistas

ROMA, 29. - Mussolini aceitou a demissão de Cremonese de governador de Roma, em virtude de dissensões no conselho municipal.

O sr. Cremonese foi acompanhado no seu pedido pelos vice-governadores e por vários conselheiros.

A embaixada russa em Roma

ROMA, 29. - Anuncia-se a nomeação de Kamenoff para embaixador soviético nesta cidade, em substituição de Kergentzeff.

A VENDA A 10.ª SÉRIE DE OS MISTÉRIOS DO POVO

Interessante romance histórico profundamente ilustrado desde as primeiras idades do homem até à revolução Francesa.

Assinatura: pelo correio cada série de 10 tomos com cerca de 320 páginas 6\$00.
A obra mais barata que no gênero se publica

A propósito dum incidente

Camarda redactor: - A pesar de encerrado o incidente em que fui atingido, julgo que desde que se abriu um precedente eu poderei voltar ao assunto.

Por me achar com categoria moral para responder ao meu detractor, fá-lo hei.

José dos Santos não apresentou provas concretas que me fizessem crer que não nos tinha autorizado. E porque não protesta sobre outras cartas que eu e Germinal escrevemos?

Se é certo que não foi passada ao copião, talvez por falta minha, no entanto todas as outras o não foram.

Todas as resoluções sobre a ligação com a U. A. P. foram por maioria; é a prova em como José dos Santos se desinteressou dos trabalhos do Comité Federal, e que isto o prove o próprio comité pelas suas actas e das suas ausências.

Se José dos Santos foi elemento de trabalho não o é actualmente, e se eu fôsse de apresentar os meus serviços teria de lembrar a José dos Santos que se o congresso se realizou foi porque o que estas linhas escreve algumas vezes atacou a sua incêrnia. A prova disto ainda está nos arquivos da Federação onde se verifica a ausência de trabalhos de José dos Santos, a acrescentar 127\$00 que detém em seu poder sem dar as devidas contas, e sobre isso já o comité se pronunciou.

Por último, e em poucas palavras, lembro que o Conselho Federal não repudiou a minha acção, porque dela se desinteressou, mas decerto repudiaria a dum indivíduo que se locupletava com dinheiro dos organismos revolucionários. - De v., etc. - Emílio Santana.

ACABA DE SAIR:

A EPOPEIA DO TRABALHO

- POR -

Ferreira de Castro, com desenhos de Roberto Nobre
Eslândido livro, que é um verdadeiro hino ao Trabalho, com dezenas de gravuras. A venda nas livrarias, ao preço de 6\$00 e, à cobrança, de 7\$00.
Pedidos a Livraria Renascença, de J. Cardoso, editor, Rua dos Poiais de São Bento, 27 e 29 e à Administração de A Batalha, calçada do Combro, 38-A, 2.ª - Lisboa - Portugal.

Catapros, fosse, bronquites, rouquidão, larangites, pigarro, mau hálito

Curam-se rapidamente com as cigarilhas medicinais BELSAUDE VITERI

DEVE-SE ENGULIR O FUMO. O ABUSO SÓ PODE BENEFICIAR

Fórmula fraca - pacote 3\$00
forte - carteira 4\$00
fortíssima - carteira 5\$00

Depósito: Vicente Ribeiro & C.

RUA DOS FANQUEIROS, 84, 1.º DE.

TIVOLI - TELEFONE N. 5474

AS 21 HORAS

O NAVEGANTE

Super-film burlesco com

Buster Keaton (Pamplinas)

A Noite da Desforra

- VENEDICTA -

Drama histórico com Léon Mathot, Charles Vanel, Syvile de Pédrille e Simone Vaudry

UMA CINÉ-FARÇA

REVISTA DE ACTUALIDADES

Judicial especial pela orquestra, sob a direcção de MICHELINO MILANO

«O NAVEGANTE»

É a odisseia de PAMPLINAS e da sua noiva. Eles são os únicos tripulantes do «Navegante», perdido no meio do mar.

De percalços da travessia, as atribulações de PAMPLINAS, as voltas com as mais fantásticas surpresas, são de uma comicidade irresistível.

A Noite da Desforra

Decorre na fronteira franco-italiana, entre contrabandistas e gendarmes. É um «film» de paixão, de aventura, tendo por cenário as montanhas alpinas. Boa realização. Quadros de soberba paisagem. Fotografia excelente.

«A Irmã Branca» e Fabiola

O Foz dá hoje uma única exibição completa do admirável «film», em 12 partes. «A Irmã Branca», adaptação da obra prima do insigne escritor Francis Marion Crawford, interpretada pela formidável artista Lilian Gish. A Foz Melody Band durante o espectáculo, dará um interessante e variado concerto, fazendo o «film de festa» a encantadora e formosíssima bailarina e completa Fabiola.

Amanhã, estreiam-se os notabilíssimos duetistas franceses a grande voz Marty et Riani que têm estado obtendo um enorme sucesso no Casino de Paris.

No Conservatório

O concerto de Florinda Santos

A bela organização de pianista que é Florinda Santos, deu-nos ensaio de admirarmos mais uma vez as suas qualidades, no concerto que realizou no Conservatório.

A mocidade desta pianista que, até no vigor das suas mãos de executante se reflecte marcadamente, teve o condão de escolher obras caracteristicamente consagradas e que nunca envelhecem e ainda outras acentuadamente contemporâneas e modernistas.

No primeiro caso citarei os «Corais», de Bach; a «Sonata em mi», de Mozart; as «Variações de um menor», de Beethoven; os «Noturnos», de Chopin, e o «Intermezzo», de Schumann; na segunda categoria incluirei os «Quadros duma exposição», de Monssorgsky e a «Tríana», de Albeniz. Não há que fazer reparos de censura à forma como Florinda Santos compreendeu e sentiu todos estes trechos, alguns de manifesta dificuldade técnica, como sucede com as «Variações» de Beethoven, pelo contrário a interessante pianista tocou com emoção, com vigor, com justiça, todos eles, arrancando verdadeiramente grandes aplausos. É uma autêntica vocação que aflora, mas que promete ser das primeiras pianistas portuguesas. Tem nervo, emoção e sabe sentir o que tão difícil é reconhecer nos solistas. Convm que não se deixe engodar pelos encontros e que estude sempre, nunca se sabe tudo e mal vai a um artista que se considere «supremo» da sua arte. Há sempre que aprender e não é raro chegar-se à conclusão, em qualquer ramo de actividade científica e artística, que ainda há quasi tudo por aprender! A um indivíduo que admirava a grandeza do seu saber disse duma vez Alexandre Herculano: «Tomara o senhor saber aquilo que eu não sei.»

Florinda Santos tem diante de si um grande futuro. Como vê, não lhe faltam incentivos, o seu talento está já reconhecido, qualidades não lhe faltam, só lhe resta confiar em si, e trabalhar sempre. É a melhor sentença que podemos ditar-lhe!

Nogueira de BRITO

Orquestra Portuguesa

O 3.º concerto sinfónico

Incontestavelmente Fernandes Fão continua a manter o crédito em que o temos, de maestro que procura sempre fazer valer os seus executantes dando-lhes o cometimento de interpretar o que há de melhor na música sinfónica.

Raramente ocorre um concerto da Orquestra Portuguesa que não tenhamos que constatar a execução duma primeira audição.

Coube agora a vez à 5.ª sinfonia de Glazounow. Este músico russo, que pode ser considerado um dos melhores sinfonistas, impõe-se pela rara concepção que tem da sua arte. Não há nas suas obras uma fictícia ordenação de sons, uma escudada diluição de motivos melódicos. O que faz obedecendo a regras certas de sinfonismo constitui, no entanto, uma delicada sucessão de cores em que os naipes orquestrais desempenham um papel destacante, pessoal. Glazounow é, talvez, dos músicos eslavos contemporâneos, o que mais testifica o sentimento popular da alma russa contemplativa, pastoril, batida pela extensão evocativa da estepa, sacudida pelo misticismo que mil e uma correntes religiosas ateiam a todo o momento. A Orquestra Portuguesa, aparte uma ou outra quebra de vigor, interpretou com proficiência a formosa sinfonia.

Dos outros números do programa deste terceiro concerto, destacamos o poema de Respighi «La fentana di Roma», o «vô do moscardo», da ópera «Tzar Sultan» de Korsakov, páginas admirabilíssimas de música moderna descritiva que a orquestra tocou com uma bela sonoridade.

N. de B.

Rendimentos dos operários

KEBEK, 29. - Em consequência da explosão duma caldeira duma fábrica morreram 10 operários.

Teatro Variedades

PRINCE MEYER - Telef. 11.4197

Companhia Maria Matos-Mendonça de Carvalho

HOJE - 2 SÊSSÕES às 8,51 e às 10,30

O maior êxito da actualidade com a comédia mais querida das senhoras

Era uma vez uma menina...

Brilhante criação da actriz Maria Helena

PREÇOS incluído de todos os impostos: - Prizes, 3\$00; Camarotes «avant-scène», 5\$00; Camarotes frente, 3\$00; Fautuils de orquestra, 9\$00; Fautuils simples, 7\$00; Plateias, 6\$00; Cadeiras, 5\$00; Plateias, 5\$00; Geral, 2\$00.

A BATALHA na provincia e arredores

Alhandra

O preço elevado da «mão-de-obra» católica

ALHANDRA, 28. - Os devotos têm o hábito de participar a morte de qualquer pessoa ao padre, primeiro que cuidar do funeral.

D. Elvira Cardoso inclui-se no numero destes devotos. Seu marido, um torturado velho, morreu na adoração de santos que ela lhe impunha cheia de uma «piçadela» selvagem.

Quem abençoou o velho foi o prior desta freguesia, nomeado padre Ramalho, o mesmo que se envolveu em desordem com o sacristão da igreja, Gerardo, degenerado em vícios imorais, afamado por visitas de mulheres na sacristia, altas horas da noite.

D. Elvira sentiu-se iluminada ao ver que um padre de muita santidade encomendava seu marido. Apagou-se, porém, de tristeza, quando o santo padre, de volta do cemitério que fica a cem metros da casa - lhe apresentou a conta: «manda Deus que me sejam pagos noventa e oito escudos».

D. Elvira pagou imediatamente. E logo o padre desabou a sua cólera de expoliada contra os santos, contra os padres, contra a trapalhada de igrejas que tanto dinheiro custam. - C.

V. R. Santo António

Um patrão explorador

VILA REAL DE SANTO ANTONIO, 26. - Na praça Marquês de Pombal, desta vila, existe um estabelecimento de fazendas e mercearia, sendo seu proprietário um indivíduo de nacionalidade espanhola, de nome Simon Dominguez Velasco, que possui um caracter de poucos amigos. É, sem dúvida uma pessoa antipática para estar ao balcão, muitíssimo desconfiada, tanto para com os seus empregados, como para com os seus fregueses, pois sofre da mania terrível de imaginar que todos o roubam.

Chega mesmo a desconfiar da própria sombra. Também é uma criatura muito ambiciosa e avara, explorando desalmadamente o trabalho dos empregados que estão debaixo das suas garras.

Encontrava-se empregado há oito meses neste estabelecimento, um menor de 15 anos, de nome António Marrocos, natural de Cacia. Durante os oito meses que esteve prestando bons serviços, o seu indigénito patrão, não o vestia nem o calçava e a comida que lhe dava era inferior e reduzida.

O rapaz, lutando sempre com muito trabalho, como se fosse um escravo, era ainda mal tratado e ofendido até que, há dias, vendo-se tão mal tratado e miseravelmente vestido, e sentindo-se enfraquecer de dia para dia, e para não adquirir uma tuberculose, despediu-se da maldita casa.

Mas o explorador patrão não lhe quiz pagar nem um centavo, pelos bons e relevantes serviços que durante 8 meses prestou no estabelecimento com toda a fidelidade.

Este comerciante, há muitíssimos anos que possui a vergonhosa mania de cometer estas proezas com todos os caixeiros que estejam ao seu serviço.

Purgações e Prostatites

Curam-se radicalmente na Farm. Ultramarina, R. de São Paulo, 101. Purgações, 4 dias. Prostatites, 21 dias. Antigas ou recentes, curam-se sempre.

Carreiras de vapores Lisboa-Seixal

Da Câmara Municipal de Lisboa informamos do seguinte:

A Comissão Administrativa vai chamar a atenção das autoridades competentes para a forma como o vapor *Vitória* faz a atracção, quer em Lisboa, quer no Seixal, pois os passageiros vêm-se na necessidade de saltar pela borda da embarcação, o que já tem dado origem a desastres.

LITERATURA REVOLUCIONARIA EM CASTELHANO

Maximo Gorki

Como se forja um Mundo Nuevo . . . 6\$00

Cuentos de Italia . . . 6\$00

La vida de un Hombre Inmortal . . . 6\$00

Vladimir Korolenko

El Imperio de La Muerte . . . 6\$00

Dr. G. Feydoux

La vida tragica de los Trabajadores . . . 10\$00

Jean Masezan

La Educación Sexual . . . 10\$00

El matrimonio, el amor libre y la libre maternidad . . . 9\$00

E. Reclus

La Montaña . . . 6\$00

El Arroyo . . . 6\$00

Octavio Mirbeau

El Calvario . . . 6\$00

P. Krapotkine

La etica, la revolucion y el Estado . . . 6\$00

Luis Fabry

Crítica revolucionaria . . . 6\$00

H. Malatesta

Ideário . . . 6\$00

F. Dostoyevsky

Los Hermanos Karamazov . . . 9\$00

Trotsky. - Constitución política da Republica dos Sovietes . . . 5\$00

G. Williams. - O congresso da International Sindical Vermelha . . . 13\$00

C. de G. O. N. M. - Proclamação consciante . . . 5\$00

TEATRO NACIONAL HOJE

Telef. N. 3049

COMPANHIA

BERTA BIVAR - ALVES DA CUNHA

A's 21 horas: - A representação da tragi-comédia em 4 actos e 17 quadros, de Lenormand

O HOMEM

E OS SEUS FANTASMAS

Formidável trabalho de

Alves da Cunha

Adelina Abranches

Notas várias da Lisboa triste

Explosão de gás

Na calçada de Santana, 2/2, existe um depósito de bananas e azeitonas, pertencente a José Maria Marques, e do qual é empregado António Lopes, 34 anos, de Argemil, residente na rua do Arco da Graça, 43, 4.ª, o qual quando ontem à tarde ia acender a estufa de amadurecimento, a respectiva torneira de gás encontrava-se aberta, pelo que, mal o Lopes acendeu o fôforo, o gás explodiu resultando ter aquele ficado queimado no rosto e mãos assim como o menor de 8 anos Futuro Gonçalves Guedes. Pensados no hospital de São José, recolheram depois a casa.

Queda desastrosa

Receheu curativo no Banco do hospital de São José, e seguiu para casa, Constantino Pereira, 21 anos, de Lisboa, 2.ª, cabo da 3.ª bateria de artilharia de costa, residente em Oeiras, que caiu no campo de futebol da quella vila, fracturando um braço.

Colhido pelo combóio

Ontem de manhã, quando se dirigia para as oficinas gerais da C. P. em Santa Apolónia, um trabalhador da mesma Companhia, residente no Alto dos Toucinheiros, barraca nova, natural do Fundão, ao passar na ponte de Chelas, foi colhido pelo combóio tramway que transporta os operários para o trabalho de Plátio, tendo o referido trabalhador, que se chama Maximiano da Silva, de 33 anos, ficado com o braço esquerdo fracturado.

Recebidos os primeiros socorros no Hospital da Marinha, foi depois dali transportado num auto da Cruz Vermelha ao de S. José, onde foi radiografado, seguindo para casa depois de devidamente pensado no Banco.

Uma autópsia

No Instituto de Medicina-Legal, realizou-se ontem a autópsia no cadáver de José Francisco Marques, de 55 anos, natural de Argemil, aquele indivíduo que ontem apareceu morto no largo do Rêgo, próximo da residência, presumindo-se que tenha caído da janela à rua. O seu funeral efectua-se hoje, pelas 15 horas, para o cemitério do Lumiar.

Quando seguiu numa carroça

No Banco do Hospital de São José, foi pensado Carlos António Viana, de 36 anos, natural de Alcochete, residente na estrada das Laranjeiras, 228, 1.ª, que caiu de uma carroça na mesma estrada, fracturando o braço esquerdo.

Queimada com água fervente

Na enfermaria Infantil do Hospital Estefânia, deu entrada Palmira Vieira, de 3 anos, natural de Lisboa, residente na rua do Jardim à Estrela, 12, 1.ª, e que ali ficou muito queimada pelo corpo, com água fervente.

Ferido num joelho

No posto da Cruz Vermelha do Calvário, recebeu curativo e foi para casa, Francisco dos Santos, funileiro, de 22 anos, largo do Atarim da Amendoeira, 7, loja, ao Campo de Santa Clara e que caiu na Junqueira, ficando ferido no joelho direito.

A revalorização do franco

PARIS, 29. - Em consequência da revalorização do franco poder provocar uma crise momentânea de certas indústrias, o governo resolveu fazer cessar toda a actividade niquelê sentido.

MUTUALISMO E COOPERATIVISMO

Federação Nacional das Cooperativas. - Em 26 do corrente, com a assistência da Direcção desta Federação, foi aberta a nova filial n.º 7, sita na rua Angelina Vidal, 48, 48-B, para distribuição de géneros aos seus associados.

Igualmente, foi hoje aberta, para distribuição de géneros aos seus associados, a filial n.º 8, da mesma Federação, sita no Campo Grande, 176.

CONFERÊNCIAS

"A Tchecoslováquia"

Realiza-se hoje, na Sociedade de Geografia, pelas 21 horas, uma conferência sobre a Tchecoslováquia que será acompanhada de projecções luminosas. E' conferente o sr. Gilles Forzek.

IMPRENSA

"O Volante"

Publicou-se um número especial da curiosa revista de automobilismo "O Volante", profundamente ilustrada, contendo abundante matéria de leitura sobre o assunto da sua especialidade.

DESPORTOS

FUTEBOL

Olhense vence o Lusitano

OLHÃO, 29. - No jogo de desempate efectuado ontem entre o Olhanense e o Lusitano venceu o primeiro por 3 a 0. Arbitragem boa e assistência numerosa. - C.

Notas & Comentários

Lá o cá

Informações recebidas de Africa referem que um funcionário da Companhia da Zambézia, Carlos de Vasconcelos Sobral, foi devorado por um leão.

A mocidade

Proclama-se que a mocidade degenerou, que ajoelha e reza envelhecida e viciada, sem ter vivido. Mas nem todos os novos são velhos, felizmente. Está nessa consoladora excepção Luis Bastos Gonçalves, que acaba de publicar «A Explosão dos Vendilhões», livro de poesia mas não de poesia delamada e falsamente sentimental.

A musa, neste livro, é uma revoltada. A ironia, a violência e o sarcasmo unem-se num combate desassombrado aos velhos e criminosos preconceitos religiosos e capitalísticos.

Hemorroidal

Curase evitando operação, tanto interno como externo, em 5 dias, na Farmácia Ultramarina, rua de São Paulo, 101. Receita completa, 30\$00.

Chegaram, entraram e

MARCO POSTAL

Mangualde.—A. dos Santos.—Recebe-
mos 17500 que pagou a assinatura do mês
de Dezembro, p. 1, de B. Santos, residente
em Paris.

CÂMBIOS

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque		95400
Madrid cheque		2598
Paris, cheque		573
Bruxelas cheque		578,5
New-York, cheque		2874
Amsterdão, cheque		19864
Itália, cheque		7584
Brasil, cheque		184
Praga, cheque		58,5
Suécia, cheque		58,24
Áustria, cheque		2577
Berlim, cheque		4366

TEATROS

Nacional.—A's 21.—O homem e os seus
fantasmas.
São Luís.—A's 21.—O Príncipe Orloff.
Gimnasia.—A's 21, 30.—A Petita do Gato.
Politeama.—A's 21.—O idílio do 5.º an-
dur.
Apollo.—A's 20, 30 e 22, 30.—A Mouraria.
Eden.—A's 20, 45 e 22, 45.—Cabaz de Mo-
ragas.
Variedades.—A's 20, 30 e 22, 30.—Era uma
vez uma menina.
Joaquim de Almeida.—A's 20, 30 e 22, 30
—Variedades.
Coliseu.—A's 21.—Companhia de circo.
Salão Foz.—A's 15 e 20, 30.—Varie-
dades.
Avenida Parque.—Diversões.

CINEMAS

Tivoli.—Avenida da Liberdade.—Olim-
pia.—Matinées e soirées.—Salão
Central.—Praça dos Restauradores.—
Chiado Terrace.—Rua António Maria
Cardoso.—Cinema Condes.—Avenida
da Liberdade.—Pathé Cinema.—Rua
Francisco Sanches.—Salão Ideal.—Rua
do Loreto.—Eden Cinema.—Rua do
Alvito (Alcântara).—Cine Paris.—Rua
Ferreira Borges.—Alhambra.—Parque
Mayer. (Variedades).—Salão Lisboa.
(Mouraria).—Cine-Expectação.—(Rua
da Esperança).—Domingos, terças, quin-
tas e sábados, às 20, 30, animatôgrafo.
—Salão da Promotora.—A's 20 horas.

ISQUEIROS

Tubos, rodas, chaminés, fundos,
molas e pedras, a preços resumidos.
Pedidos a:
FRANCISCO LATTA
LARGO DO CONDE BARÃO, 55
Tabacaria e Kiosque

FABRICA
cladrilhos, mosaicos, azulejos, cimento
GOARMON & C.ª
Travessa do Corpo Santo, 17 a 19
—TELEF. C. 1244—LISBOA—

A PRESTAÇÕES

Fatos, calçado, sobretudo, pelu-
chas, roupas brancas, chapéus, arti-
gos de lã, peles, capas e todos os
artigos próprios da estação, mobili-
as em ferro e madeira,—na antiga e
acreditada casa da Rua António
Pedro, 52.

Um livro interessante

Acaba de ser posto à venda
uma bela obra de
RICARDO MELLA,
"IDEÁRIO"
que consta dum volume
de 336 páginas dividido
nos seguintes capítulos:
Doctrina — Crítica Social — Educação
Libertária — Tática — Evolução e
Revolução — Violência — Libertad
Autoridade — Ensaio Filosófico-
literário — Ideias Socialistas — Moral
Temas sociológicos — Pedagogia —
Vida Social — Doutrinas Representa-
tivas — Trabalhos Polémicos — Lec-
turas — Fragmento Inédito.
Preço 15000 — Pelo correio 16353
Pedidos à Administração de
"A BATALHA".

CONSELHO TECNICO
DA
CONSTRUÇÃO CIVIL

Encarrega-se da execução de
todos os trabalhos que digam res-
peito à sua indústria, tais como
edificações, reparações, limpe-
sas, construção de fornos em to-
dos os géneros, jazigos em todos
os géneros, fogões de sala, xa-
drês, frentes para estabelecimen-
tos e todos os trabalhos em cantarias
e mármore de todas as prove-
niências.

Telefone — 539 Trindade
Escritório:
Calçada do Combro, 38-R. 2.º

"HERPETOL"

—) Dá um (—

Alívio instantâneo



SOFRE DE GOMICHÃO provocado pelo ECZEMA
outras DOENÇAS DE PELE? A aplicação de umas
gotas de "HERPETOL" fará desaparecer rapidamente
a coçicação.
O "HERPETOL" CURA: A atest-lo temos os in-
úmeros pedidos recebidos desde que foi lançado no
mercado este medicamento, que tem realizado CURAS
MARAVILHOSAS. A acção do "HERPETOL" é
muito poderosa, penetra na pele e ataca os germes
que se encontram nos tecidos, os quais são a causa
de todo o mal. É de um maravilhoso efeito para
limpar a pele de ESPINHAS, ERUPÇÕES, MOR-
DURAS DE INSECTOS, ECZEMA, SÍNDROME DE
SECO e RECURSOS DURA.
Não hesite e compre um frasco de "HERPETOL",
melhor remédio que até hoje apareceu.
A venda nas principais farmácias e nos depósitos:
em Lisboa, Rua da Prata, 257, 2.º.

Depósito da Covilhã

ROSSIO, 93, 1.º Telefone N. 4663

Acabam de chegar muitos padrões de boas fa-
zendas de lã para venda directa das fábricas ao
público, que vendemos por baixos preços.
Estampas e casimiras desde Esc. 1000 a metro,
grande sortimento das principais fábricas do país,
e um escolhido sortido de fazendas estrangeiras
que vendemos por preços sem comparação. Há
feitos e fazem-se por medida, sobretudo para
homens e crianças desde Esc. 180000. Casacos
de senhora desde Esc. 120000.
Tem alfaiataria para a sua enorme clientela.

Executam-se fatos em 24 horas

Manda amostras para a provincia
e em Lisboa ao domicilio

Lotaria do Natal

Em 23 de Dezembro de 1926

Prémios maiores .. 4.000.000\$00

1.200.000\$00

Bilhetes a 1.000\$00 e quadragési-
mos a 25\$00, cautelas a 6\$00. Pelo
correio mais 8\$0.

Pedidos a

Campião & C.ª

116, RUA DO AMPARO, 116

LISBOA

FIGUEIRA DA FOZ

A Batalha vende-se nesta localidade na
barbearia de Firmo Ferreira Pinto da Fon-
seca, na rua da República, 132.

MALETAS DE CABEDAL
em todas as qualidades e feitios,
vendem-se a preços de fabricante
— EM —
A ORIGINAL
RUA DA PALMA, 266-A

**O AUTOMÓVEL SÓ ERA
ACESSIVEL AOS RICOS**
**A Cooperativa Lisbonense
de Chauffeurs**
PROLETARIZOU-O
Porisso, as classes trabalhado-
ras têm o dever de preferir o
taxis "Citroën" (palhinha ama-
rela) a qualquer outro
Telefones: Norte 5521 e 5528,
Escritório e Garage: Rua Almirante Barroso 21

NINGUEM!! NINGUEM!!
deve comprar casacos para senhoras e crian-
ças em peluches de lã, peluches de seda
e de outros tecidos de lã modernos e so-
bretudo para homens
sem primeiro ver na
CASA MARIPOSA
RUA DOS FANQUEIROS, 87 a 91

INSTITUTO POLICLÍNICO DA ESTEFANIA
Largo D. Estefânia, 6, 1.º — Telefones N. 3435
CORPO CLÍNICO—DOCTORES
A. de Almeida Rocha — Clínica geral — às 14 h.
António de Carvalho — Pele e sífilis — às 18 h.
Berta de Moraes — Doenças das senhoras — às 14 1/2 h.
Carlos Guerra — Clínica médica — Doenças do coração e pulmões — às 18 h.
Domingos Dias — Doenças da boca e dentes — Prótese — Doenças tropicais —
às 17 1/2 h.
Fernando Waddington — Raio X — Electricidade médica.
Heitor da Fonseca — Clínica médica — Doenças do estômago, intestinos e fígado —
às 13 h.
J. Pais de Laranjeira — Doença dos rins e vias urinárias — às 11 h.
José Salazar Carreira — Doenças das crianças, ortopedia, ginástica e massagem
médica — às 10 h. e 1/2.
Lopes de Andrade — Doenças dos olhos — às 17 1/2 h.
Pedro Roberto Chaves — Análises clínicas.
Teodomiro Almeida de Carvalho — Cirurgia, operações — às 16 h.

LA NOVELA SOCIAL
LA LOCA VIDA
E' o titulo do n.º 10 da interessante colecção
de novelas que se publicam em língua
espanhola sob o titulo genérico de *Novela*
Social, encontrando-se à venda na nossa
administração ao preço de \$60. Pelo cor-
reio \$70.
Horário de trabalho
As disposições legais
A secção editorial de A Batalha acaba de edi-
tar, em folheto, o decreto 3516, de 7 de Maio
de 1919 e respectivo regulamento publicado no
Diário do Governo de 20 de Maio sobre o horá-
rio de trabalho, sendo o seu preço avaliado de \$3.
Aos sindicalistas que desejem adquirir quantida-
de far-se-á um abate de 50 por cento em pe-
quetes de 50 folhetos.
Pedidos à administração de A BATALHA

"Educação Social"
Revista de pedagogia e sociologia
Dirigida pelo prof. dr. ADOLFO LIMA
publicação mensal
Redacção e administração—Empresa Lite-
raria Fluminense, Limit.—R. dos Re-
trozeiros, 125—LISBOA.
A' venda na administração de "A
Batalha".

OBRAS DE LITERATURA, CIÊN- CIA E ENSINO	Jorge Teixeira.—Gatunos de Luva Branca—A Escamalha (peças de teatro).....	2550
Abel Botelho—Amanhã.....	Juliano Quintinha	
Alexandre Heroulan	Visinhos do Mar.....	8500
Lendas e Narrativas (2 volumes), Cartas (2 volumes).....	Cavalgada do Sonho.....	8500
História da origem e estabeleci- mento da inquisição em Portu- gal (3 vols.).....	Terras de Fogo.....	8500
Adolfo Lima	Dor vitoriosa (novela).....	325
Contracto do Trabalho.....	Laisant.—Iniciação matemática.....	5500
Educação e ensino.....	Malvert.—Ciência e Religião.....	10500
O ensino da história.....	Mário Domingues — Hugo, o pintor (novela).....	325
Aquino Ribeiro	Anastácio José (idem).....	325
Anatole France.....	Manuel Ribeiro	
Entrada de São Tiago.....	Poder redentor (novela).....	325
Jardim das Tormentas.....	Mirbeau.—O Jardim dos Suplícios.....	4500
Via Sinuosa.....	Nogueira de Brito	
As Filhas da Babilónia.....	—Memórias de Angela Pinto	15000
Terras do Demo.....	Sangue Fidalgo (novela).....	325
Augusto Machado — Impossível re- denção (novela).....	Não, diz a Lei (novela).....	325
Augusto de Sousa.—Folhas perdidas (Fados).....	Pargana — Origem da vida.....	8500
Bente Faria, — Missa nova (teatro em verso).....	Oliveira Marinho	
Binet-Sanglé — A loucura de Jesus.....	Helenista e a Civilização Cristã.....	15500
Buckner, — O homem segundo a ciência.....	História da Civilização ibérica.....	15500
Charles Darwin — Origem das espe- cies.....	História da República Romana (2 volumes).....	30500
Campos Lima	História de Portugal (2 vols).....	30500
O Estado e a evolução do Direito	Racas Humanas (2 vols).....	30500
O Amor e a Vida.....	O Brasil e as Colónias Portuguesas	15500
Ceia dos Pobres.....	Cartas Peninsulares.....	15500
A Revolução em Portugal.....	Sistema dos mitos e ficções religio- sas.....	15500
Cristiano Lima — A escola de Nun'Al- vares (novela).....	Orlando Margal	
Duarte Lopes.—Frei Sangué.....	Agua clara.....	6500
Ega de Queiroz	Imagens de Sonho.....	1500
O crime do Padre Amaro.....	Raul Brandão	
O primo Basílio.....	Os Pescadores.....	10500
O Mandarim.....	Os Pobres.....	10500
Os Maias (2 vols).....	O Teatro.....	8500
A Reliquia.....	Spencer — Da Educação (br. \$500) enco- ntrado de Campos — Dois tiros (no- vela).....	325
A Cidade e as Serras.....	Tolstói — A sonata de Kreutzer.....	4500
Fradiute Mendes.....	Ana Karenine (3 vols).....	15500
Casa Ramires.....	Toulousse — Como se deve educar o espírito.....	4500
Prosas Bárbaras.....	Wenceslau de Moraes	
Ecos de Paris.....	Dai-Nippon.....	12550
Cartas Familiares.....	Victor Hugo	
Cartas de Inglaterra.....	França e Bélgica.....	10500
Minas de Salomão.....	O Reno (2 v.).....	15500
Notas Contemporâneas.....	Os Miseráveis (2 grossos vols) ilus- trados, encadernados.....	40500
Ultimas páginas.....	Zola	
Contos.....	A Taberna.....	12500
Ernesto Haackel	Tereza Raquin.....	5500
História da Criação.....	Alegria de viver (2 vols).....	8500
Origem do Homem.....	A conquista de Plassans, (2 vols) Fecundidade.....	20500
Os enigmas do Universo.....	A fortuna dos Rougons, (2 vols).....	8500
Monismo.....	Uma página de amor.....	9500
Religião e evolução.....	Dr. Pascal.....	9500
As maravilhas da vida.....	FOLHETOS	
Faquet, — Iniciação filosófica.....	Eliseu Reclus — A terra e a igreja	1500
Iniciação literária.....	A Evolução legal e a anarquia	350
Faria do Vasconcelos.....	Gonçalves Correia — A Felicidade de todos os seres na Sociedade Futura.....	550
Problemas escolares.....	José Prat, — A burguesia e o prole- tariado.....	550
Por terras de além mar.....	A necessidade da Associação.....	550
Ferreira de Castro	Content, — Contra o confusãoismo.....	350
Sangue Negro.....	Alfredo Neves Dias, — Razão (poema to social).....	550
Sendas de Lirismo e de Amor.....	Ernesto da Silva — Teatro livre e Arte Social.....	350
A Peregrinação do Mundo Novo.....	Landauer, — Social Democracia.....	350
F. Castro e E. Frias — A Boca da Es- tange.....	R. Mela, — O princípio do fim.....	350
Flammarion	J. Mest, — A maçonaria e o proletariado.....	350
Iniciação astronómica.....	João P. de Mello	
Contos de luar.....	Definições sociais.....	550
Como acabou o mundo?.....	Horas anarquistas (versos).....	550
Os habitantes dos outros mundos	Trovas da Noite.....	1500
Felix de Dantes, — As influências an- cestrais.....	Roberto, o pescador.....	1500
Filho de Almeida	Memórias do Parque de São João do Forte.....	1500
Lisboa Galante.....	— Carnet de Pensamento.....	550
Estâncias de Arte e Saúde.....	J. Bakunine, — O sentido em que so- mos anarquistas.....	550
Figuras de destaque.....	Chueca, — Como não ser anarquista.....	550
Actores e Autores.....	Lazare, — A Liberdade.....	550
Contos.....	B. Etivant, — A minha defesa.....	550
A Esquina.....	J. Kropotkin	
Aves Migradoras.....	Os bastiões da guerra.....	350
Barbear, Pentear.....	Moral anarquista.....	550
Cidade do Vício.....	O espírito revolucionário.....	550
Pasquinadas.....	O estado e o seu papel histórico.....	1550
Paiz das Uvas.....	J. Guedes, — Lei dos Salários.....	550
Sabam quantos.....	Brian, — A greve geral.....	550
Vida errante.....	Roland, — Rússia Nova.....	550
Vida trágica.....	— O sindicalismo e os intelectuais D. Carvalho, — A gestão sindical no período revolucionário.....	550
Guerra Junqueira, — A morte de D. João Musa em férias.....	A. Hamon, — A crise do socialismo J. Santos, — A transformação da sociedade.....	550
Os Simples.....	Neno Vasco	
A velhice do Padre Eterno (En- cadernação de luxo).....	Georgicas.....	350
Brochado.....	Greve de inquilinos, teatro.....	1500
Gorki, — Os Degenerados.....	Proletariado Histórico.....	1500
Os Vagabundos.....	G. Archinof, — A Revolução so- cial e o Sindicalismo.....	550
Na Prisão.....	Carlos Rates, — Aditadura do pro- letariado.....	1500
Ibsen, — Espectros.....	Emilio Chapellier, — Porque não creio em Deus.....	1500
Casa de bonecas.....	Rodolfo Rocker, — O sindicalismo revolucionário e a organização operária.....	1500
Jacquinet, — História Universal, 2 v. Jaime Cortezão, — Adão e Eva (tea- tro).....		
José Benedy, — A ciência redentora (novela).....		
Jesus Pelxoto, — O mestre geral (no- vela).....		

O bispo.—Isso é muito grave; como obteremos a
certeza de que esse indivíduo seja dos nossos?
O marquês.—Um homem vestido de mulher? esta-
mos então no carnaval?
O jesuíta (ao pequeno Rodin).—Tu conheces de
vista todos os nossos amigos?
Rodin.—Sim, meu bom padrinho; logo que tenha
visto algum uma vez, nunca mais me esqueço da sua
fisionomia. Nosso Senhor (e persignou-se) deu ao seu
pequeno servidor uma grande reminiscência, que ele
aproveita.
Morlet.—Vai lá abaixo ao quarto do porteiro e
examina esse sujeito; se o conheceres, deixa-o entrar,
e senão vem prevenir-me.
Rodin.—Sim, meu bom padrinho, vou cumprir as
suas ordens. (Saiu).
O bispo.—Mas este pequeno pode enganar-se.
Parece-me que foi mal entregue a missão.
Morlet.—O meu afilhado é um prodígio de finura
e penetração... Suspendamos por enquanto a discus-
são; depois a continuaremos.
O conde de Plouernel, (indignado).—Eu recuso
ter como presidente um homem, padre e subdito do
rei, que tem a sacrilega audácia de querer que se dis-
cuta se é ou não conveniente deixarmos guilhotinar
Luis XVI.
O bispo.—Semelhante infâmia pareceria incrível
a quem não soubesse que a Companhia de Jesus
tem já muitas vezes pregado o regicídio.
Morlet.—A Companhia tem pregado e conse-
lhado o regicídio, sempre que era preciso suprimir
reis ad maiorem Dei gloriam. A igreja está superior
aos monarcas.
O marquês.—A ideia tem graça! estamos aqui
para ver como havemos de salvar o rei, e o reverendo
Morlet propõe-nos que lhe deixemos cortar a cabeça!...
O pequeno Rodin entrou e disse:
— Padrinho, o homem vestido de mulher é o sr.
Humberto.
Morlet.—Manda-o entrar

Entrou o sr. Humberto, com um manto de peles e
um chapéu de mulher. A sua entrada, o marquês de-
sata a rir.
Humberto, pálido de cólera, atirou para o chão o
chapéu, tirou o manto que lhe ocultava o vestuário
masculino, caminhou para o marquês com ar ameaça-
dor, e exclamou, com um gesto de quem o queria
esbofetear:
— Há de responder-me pela sua insolência, seu
garoto!
Mas o conde de Plouernel e o bispo interpuze-
ram-se e conseguiram acalmar a irritação do finan-
ceiro, afirmando-lhe que o marquês era uma cabeça
estovada.
O marquês.—Perdão, meu caro senhor... ou an-
tes, minha querida senhora... Se soubesse a figura
que está fazendo!... Perdão, que não me posso con-
ter! (Ri). Se eu não risse, rebentava!
O marquês poz-se a rir às gargalhadas. Hum-
berto, que tinha um gênio violento, tornou a exaspe-
rar-se; mas, sossegando outra vez, graças à interven-
ção do conde e do bispo, contou a causa do seu dis-
farce, dizendo que se salvara graças à intervenção da
irmã. Durante estas confidências cessaram os risos do
marquês.
O conde de Plouernel.—Visto que essa parte da
rua de Santo Honorato, onde o nosso amigo o sr. Hum-
berto escapou de ser preso, está assim vigiada pela
policia esta noite, eu estive também em risco de ser
preso ao sair de casa, porque estou refugiado pró-
ximo da porta de Santo Honorato, em casa da mulher
dum antigo picador da casa real; da água furtada em
que habito avista-se a casa do seu cunhado Desma-
rais, a quem agora me arrependo de não ter mandado
matar às pauladas quando o mandei castigar pelos
meus lacaiois.
Morlet.—O conde mora então perto da rua de
Santo Honorato? Qual é o número da sua casa?
O conde de Plouernel.—Dezenove.
Morlet.—Não podia escolher refúgio mais veri-

goso. No número 17 dessa mesma rua moram duas
pessoas da família Lebreun: João, o serralheiro, e essa
bela mulher que o senhor conhece pelo nome de mar-
quesa Aldini. Tenho cuidado, que se eles viessem a
saber da sua presença ali, não tardariam a saciar em
si o ódio com que há tantos séculos os Lebreun per-
seguem a família de Plouernel.
O conde de Plouernel.—Agora, que o maluco do
marquês está quase com juízo, podemos continuar a
nossa discussão.
Depois dirigindo-se a Humberto, o conde prosse-
guiu:
— Quando o senhor entrou, o abade ia propor à
discussão saber se era ou não oportuno adiar o movi-
mento projectado até depois da condenação do rei,
em vez de proceder amanhã, como se queria.
Humberto.—Esse adiamento seria funesto, porque
há pouco foi apreendida em casa de meu cunhado uma
caixa com armas, contendo também varios exemplares
das nossas proclamações. A junta de segurança
pública deve já ter em seu poder as provas evidentes
da conspiração; portanto é mister que procedamos
imediatamente. Ontem e hoje tenho estado com mu-
itos oficiais e granadeiros do meu antigo batalhão, muito
influentes no seu bairro, e que só esperam um sinal
para correrem às armas; a burguesia tem horror à
República.
O conde de Plouernel.—Confesso, sr. Humberto,
que era preferível para a burguesia, resignar-se ac-
que se chamavam «privilegios do trono e imunidades
da nobreza e do clero», do que sofrer a tirania da
população!
Humberto.—Permita-me uma observação, sr. conde.
Há alguns anos, mandou o senhor dar pauladas a um
homem que é infelizmente meu cunhado. Eu, no lugar
dele, tinha-as pago na mesma moeda, não «por pro-
curação», mas pessoalmente... E que teria o senhor
feito nesse caso?
O conde de Plouernel.—Ora!... se no primeiro
momento de cólera, lhe não tivesse atravessado o
corpo com a minha espada, ver-me-ia obrigado a pe-
dir ao rei uma carta de prego para o meter na Bas-
tilha.
Humberto.—Porque um homem da sua raça não
podia «descer» a bater-se com um burguês?...
O conde de Plouernel.—Decerto, porque o «tribunal
de honra», composto dos senhores marechais de
França, e a quem a nobreza consultava sobre todas
as questões dessa natureza, ter-me-ia proibido formal-
mente esse duelo, e todos nós estamos comprometidos
sob juramento a respeitar as decisões do tribunal dos
senhores marechais.
O bispo.—Parece-me que estamos muito fora do
assunto em discussão.
Humberto.—Não estamos tal, sr. bispo. Se nós
conspiramos para a queda da República, é preciso que
saibamos por que forma de governo a havemos de
substituir. Será por uma realza absoluta como dan-
tes, ou pela monarquia constitucional de 1791? Pois,
senhores da nobreza e do clero, fiquem sabendo que
nós, os burgueses, nós os do terceiro Estado, nós, os
da plebe, a quem os senhores desprezam, queremos a
realza constitucional, e não outra. E' bom que o fiquem
sabendo!
O conde de Plouernel.—Porque, assim, a burge-
sia reinará de facto, a sombra desse simulacro de mo-
narquia? Nós não queremos esse governo.
Humberto.—E' natural.
O conde de Plouernel.—Donde se deíuz que os
senhores querem substituir a nossa aristocracia pela
oligarquia burguesa, pelo privilégio do dinheiro?...
Humberto.—Sem dúvida; temos tanto horror ao
antigo regime do absolutismo como ao da República.
Morlet.—Não nos desviemos da questão. Burge-
sia, nobreza e clero têm horror à República; isso é
inegável. Pois tratemos primeiro de derrubar, e de-
pois veremos o modo de a substituir. Começemos por
decidir se devemos ou não adiar a execução do plano
projectado para amanhã. Depois veremos — esta
segunda questão devia ter a primazia — se é ou não



Este inverno os penhoristas expropriarão os míseros haveres da grande legião dos sem trabalho

Os penhoristas andaram uns dias apavorados. A ideia de que deixariam de especular sobre as lágrimas e a desventura dos seus clientes a princípio chegou a paralisar-lhes os movimentos.

Veio depois a reacção. Os prestamistas saíram dos seus covis — a medo. Foram aos jornais, com passinhos medidos e falas mansas. Sentiam-se ainda vítimas e apelavam para uma derradeira esperança sem grande confiança no êxito: a publicidade. O assunto — a defesa dos seus crimes — era escandaloso. Mas os jornais, logo que souberam que eles, com a corda na garganta, estavam dispostos a pagar, receberam-nos com a mais requintada amabilidade e deixaram-se subornar. Os jornais não contentes em alugar as suas colunas a cobardíssima e vergonhosíssima atitude de oferecer por brinde aos penhoristas a promessa de ficarem neutrais, isto é, de não escreverem uma única linha, de não publicarem uma única notícia em seu desabono. E cumpriram rigorosamente. Nem os negócios dos penhoristas sofreram a mais leve beliscadura.

Com este triunfo obtido à custa de milhares de escudos e da fácil corrupção de imprensa respiraram com mais serenidade.

Refeitos do susto, entregaram-se a uma actividade prodigiosa: bateram a todas as portas, serviram-se de todas as influências e bloquearam todas as entidades que podiam salvá-los ou perdê-los. Convencidos e reconhecidos de que a mola real desta sociedade é o dinheiro e, portanto, partindo do princípio de que quem tem dinheiro acaba sempre por ter razão, agiram de tal modo, que o seu receio desapareceu por completo.

Não fazemos uma acusação. Tampouco recorremos à insinuação que é imprópria do nosso temperamento. Limitamo-nos a registar um facto, um facto bastante significativo: os penhoristas andam alegres, bem dispostos, cheios de confiança neles mesmos.

O aspecto confiante que eles mostram — enche-nos de desconfiança. Estamos tomados dum grande receio que se nos afilura justo e bem fundamentado. Receamos que esses seres abjectos consigam fazer vingar os seus desejos de continuarem como até aqui especulando impunemente com a miséria da sua confrangida freguesia.

Atravessa-se neste momento uma grande crise de trabalho. Uma grande parte das indústrias estão quase paralisadas: dezenas de milhares de operários encontram-se a braços com a miséria. Na Inglaterra os operários desempregados recebem um subsídio do governo, visto ter-se reconhecido naquele país que não era justo condenar-se à morte pela fome criaturas a quem não cabiam culpas da grave crise industrial então existente. Em Portugal esse subsídio não existe: o operário desempregado tem de se valer dos seus recursos e os seus recursos consistem em alguns móveis necessários e rudimentares e malgamas indispensáveis peças do vestuário.

Tudo vai parar, inevitavelmente, às garras dos penhoristas que, aproveitando a aflição dos clientes, adquirem as míseras peças de vestuário e os míseros trastes dos esmoeados por uma luta e meia, na esperança dourada de depois os venderem em leilão, metendo os lucros nos seus cofres.

E não se enganem: de resto um penhorista nunca se engana. Conhece melhor do que ninguém a situação dos desgraçados a quem penhora os tristes haveres. Como podem estes reaver os seus objectos se ao fim de três meses os perdem por falta de pagamento de juros e ao fim de seis ou oito meses têm de dar, para o seu resgate, uma importância duas vezes superior à que lhes foi emprestada?

Os penhoristas esfregam as mãos de contentes: este inverno expropriarão os haveres de todos os desgraçados. E o jurozinho de 8, 15 e 20 % promete uma estação esplêndida. Quanto aos desgraçados — esses que se resignem: é deles o reino dos céus. E esse reino não interessa aos penhoristas.

UMA INICIATIVA UTIL

A Federação das Escolas e Bibliotecas Sociais

As consciências livres alarmam-se ante o desenvolvimento da reacção religiosa, do catolicismo que procura infiltrar-se para melhor envenenar os espíritos, assim reconquistando o terreno que tem perdido.

As manifestações de toda a espécie levadas a efeito pelos empresários dos milagres de Fátima e de Lourdes, que pretendem com espectacular peregrinação e congressos de variada ordem, apoderar-se da consciência humana para obliterar e embrutecer, têm encontrado a enérgica e desafiada reacção de desleixo.

Parece que os propósitos reacçãoários têm sido, pouco a pouco, coroados de êxito.

As Escolas e Bibliotecas de Estudos Sociais do Porto e arredores, resolveram constituir uma Comissão Organizadora da Federação, cujo objectivo será coordenar a acção das várias escolas e organismos de carácter educativo e libertário na difusão do método racionalista no ensino.

Para a constituição dessa Federação vai, ainda este ano, realizar-se um congresso, onde todas as escolas, juntamente com professores e pedagogos, que serão convidados, debaterão os meios eficazes de pôr em prática o método racional do ensino, que visa a tornar o homem livre de preconceitos retrógrados.

Todas as Escolas e Organismos de Educação popular que queiram participar da Federação das Escolas e Bibliotecas de Estudos Sociais, devem dirigir-se a Mário Ferreira, rua Saraiva de Carvalho, 5, 2.º, Porto.

LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 38 desta revista intitulada *El drama de un amor vulgar*, de J. Rodríguez Aragón. — Preço, 550. — Pedidos à administração de A Batalha.

NENO VASCO

Anarquismo e sindicalismo

Por outro lado, força é confessá-lo, o anarquismo sofrira uma involução. Em França, que tamanha influência exerce, especialmente sobre os países latinos, após a desastrosa guerra franco-prussiana, o esmagamento da Comuna de Paris, com a relativa hecatombe de revolucionários, veio um período de reacção burguesa e de abatimento proletário. As sociedades operárias encolheram-se, abandonando-se aos pequenos expedientes daquela espécie de reformismo que poderíamos chamar, a pesar da aparente contradição dos termos, conservador.

Do seu lado os anarquistas insularam-se, enfiando-se na repulsa e desanimados ante a enormidade da tarefa, ante o espírito dominante nas corporações. O anarquismo, apartado do movimento operário, entrou a definir, de se consumir num criticismo estéril e impotente, de se dividir em pequenas capelas, com infiltrações de individualismo burguês ou de misticismo, divagações metafísicas e torneios intelectuais de diletantes e de snobes. A tradição anarquista da Internacional pareceu por vezes quebrada, sobretudo em França, a despeito dos esforços de muitos militantes infatigáveis para chamar os anarquistas à consciência da sua missão e para os reconduzir ao terreno fecundo onde tomara corpo a nossa ideia. Lição severa para o futuro, pois as regressões, aparentes ou reais, do movimento operário tendem a desanimar muitos elementos revolucionários, que fazem acentuar ou perdurar com a sua retirada o recuo iniciado.

Por fim, tornou a encher-se a maré revolucionária. Os sindicatos, desiludidos do reformismo chato e do democraticismo, adquiriram em França novo espírito; e os anarquistas, reanimados, lançavam-se de novo no movimento operário, atrás de pioneiros entre os quais é preciso citar Pelloutier. O anarquismo levava o seu espírito, teoricamente enriquecido, convém dizê-lo, pois nem só inconvenientes lhe trouxera o isolamento; e recuperava em trocas o seu carácter popular, de movimento prático de emancipação colectiva. Eis reatada a tradição da Internacional, com os enriquecimentos da prática e da teoria e com as modificações dos novos tempos. Eis reivindicado o anarquismo operário, às vezes sob o nome de «sindicalismo revolucionário», que é para muitos um simples eufemismo.

Entre os anarquistas que se lançam então no movimento operário, salienta-se, disse-mos, o claro espírito de Fernando Pelloutier. Quando, em Dezembro de 1899, do Congresso do Partido Socialista Francês saiu a unidade partidária, Pelloutier pressentiu o perigo que o movimento operário corre de ser dominado pela nova agitação unificada e pelas suas preocupações eleitorais. E' então que ele lança a famosa advertência aos anarquistas, numa carta aberta que procede o relato das suas impressões sobre o Congresso.

«Serei breve (começa ele): o espaço é-me medido, e demais as palavras que vou dizer acham uma ilustração perfeita na pessoa de propagandistas como Malatesta, que sabem unir também a uma paixão revolucionária indomável a organização do proletariado.

«Actualmente, a nossa situação no mundo socialista é esta: Proscritos do «Partido» porque não menos revolucionários que Vaillant e Guesde, tão resolutamente partidários da supressão da propriedade individual, somos além disso o que eles não são: revoltados de cada instante, homens verdadeiramente sem Deus nem amo, nem pátria, inimigos irreconciliáveis de todos os despotismos, morais ou materiais, individuais ou colectivos, isto é, das leis e das dituras (incluindo a do proletariado) e amantes apaixonados da cultura própria.

«Acolhidos pelo contrário, em razão precisamente desses sentimentos, pelo «partido» corporativo, que nos viu consagrados à obra económica, puros de toda e qualquer ambição, pródigos das nossas forças, prontos a arriscar o corpo em todos os campos de batalha e depois de ter sovado a polícia, apostrofa-o o exército, retomando impassíveis a tarefa sindical, obscura, mas fecunda.

«Os sindicatos têm de há alguns anos para cá uma altíssima e nobilíssima ambição, julgam ter uma missão social a cumprir e, em vez de se considerar quer como puros instrumentos de resistência à depressão económica, quer como simples quadros do exército revolucionário, pretendem, além disso, semear na própria sociedade capitalista o germe dos grupos livres de produtores, pelos quais parece dever realizar-se a nossa concepção comunista e anarquista.

Estas ideias assumem perfeita nitidez nos diversos escritos de Pelloutier. Citaremos alguns trechos dum opúsculo traduzido em português sob o título, um tanto alterado, de «A União dos Sindicatos e a Anarquia».

«Restabelecida assim a função racional da humanidade (pela abolição do valor da troca), resta instituir a associação dos produtores: associação livremente consentida, sempre aberta, mesmo limitada — se os associados o julgarem conveniente ou simplesmente o desejarem — à execução do objectivo que a originou, em suma, tal que ninguém nela tema as constricções morais, não menos incômodas do que os constrangimentos materiais: as violências colectivas.

«Qual deve ser a tarefa destas associações? Cada uma delas se encarrega dum ramo de produção: esta, do alojamento; aquela, da alimentação; esta, da arte. Uma e outras devem informar-se logo das necessidades do consumo, e depois dos recursos de que elas dispõem para as satisfazer. Quanto granito é preciso extrair cada dia, quanta farinha moer, quantos espectáculos organizar para uma dada população? Conhecidas estas quantidades, quanto granito e quanta farinha podem ser obtidos no lugar? Quantos espectáculos organizados? Quantos operários, quantos artistas são necessários? Quanto material ou quantos produtores é preciso pedir às associações vizinhas? Como se há de dividir o trabalho? Como estabelecer os depósitos públicos? Como utilizar, apenas conhecidas, as descobertas científicas?

«Pois bem, destas associações as Unões de Sindicatos ou Bolsas do Trabalho (nome infeliz: Câmaras do Trabalho seria mais digno) não são nada uma ideia? Estas funções não são as que devem desempenhar ou que aspiram a desempenhar as federa-

ções corporativas que dentro de dez anos unirão os trabalhadores do mundo inteiro? «Que digo eu? A missão actual destas Câmaras do Trabalho (embora esteja apenas esboçada a sua função económica) é bem mais complexa do que teria de ser a dos grupos de produtores numa sociedade diversa desta. Têm por fim investigar, não só o número das profissões de cada região, a quantidade dos produtos colhidos, fabricados ou extraídos, a quantidade de produtos necessários à alimentação e à conservação, a soma de trabalho indispensável à manutenção do equilíbrio entre a produção e o consumo, mas ainda as causas tão variadas, por vezes tão incompreensíveis, da depreciação dos salários, a solução dos perpetuos conflitos entre o Capital e o Trabalho; fazer, numa palavra, muitos estudos absorventes, que exigidos pela existência do Capital, com este desapareciam.

«Entre a organização sindical que se elabora e a sociedade comunista-anarquista, no seu período inicial, há concordância. Nós queremos que toda a função social se reduza à satisfação das nossas necessidades; o Sindicato também o quer, e é esse o seu fim, e cada vez ele se emancipa mais da crença na necessidade dos governos. Nós queremos o livre acôrdo dos homens; o Sindicato (de dia para dia melhor o compreende) só pode existir expulsando do seu seio qualquer espécie de autoridade e de coacção. Nós queremos que a emancipação do povo seja obra do mesmo povo; a organização sindical também o quer. Cada vez mais ali se sente a necessidade, ali se experimenta o desejo de administrar directamente os interesses próprios; ali germina o gôsto da independência e a vontade da revolta; ali se pensa nas oficinas livres onde a autoridade tenha cedido o lugar ao sentimento pessoal do dever; ali se emitem, sobre a tarefa dos trabalhadores numa sociedade harmonica, indicações de maravilhosa largueza de vistas, fornecidas pelos próprios trabalhadores.

Semeado em bom terreno, acolhido com favor pelo escol da classe operária, sobretudo dos países latinos, nas secções da Internacional do Jura suíço, da Itália, da Espanha, da França, o socialismo anarquista torna-se movimento popular, método de acção e de organização, embora, nos primeiros tempos, ainda obscurecido por bastantes incertezas e contradições. Ele traduz as aspirações mais íntimas do movimento operário e os homens que o propagam, sistematizam e clarificam. Bakunine, Iukovsky, James Guillaume, Schwitzguebel, Spichiger, Herzog, Perron, Cafiero, Malatesta, Covelli, Elisée Reclus, Brousse, Robin, Varlin, Anselmo Lorenzo, Farga Pellicer, Kraptokine e tantos, tantos outros, eram os elementos mais activos e ardentes da grande Associação.

Mais tarde, numa situação igualmente favorável, repetindo-se as mesmas condições de facto, as mesmas ideias fundamentais dos anarquistas da Internacional: luta de classes livre de compromissos partidários, autonomia, acção directa, livre federalismo, gerência directa da produção pelos próprios produtores, etc. ganharam em França o movimento operário organizado e influíram no de todo o mundo, graças à influência intelectual daquele país. E ainda então vimos os anarquistas em acção e os resultados fecundos da sua obra; vimos o trabalho produtivo de Pelloutier, Tortelier, Pouget, Yvetot, Delesalle, etc., em França. Ao passo que, em terrenos menos bem predispostos e preparados, nos outros países, são quase os anarquistas os iniciadores e propagadores do sindicalismo revolucionário entre o povo produtor. Nos acontecimentos que precederam e seguiram o histórico 1.º de Maio de 1906 em França repetiu-se o mesmo facto. «Esta vigorosa companhia» escrevia há anos Thullier, — teve também como efeito fazer voltar uma grande parte dos elementos libertários aos sindicatos, onde eles fizeram depois bom trabalho.

Caixa de Assistência e Previdência aos Oficiais e Tripulantes da Marinha Mercante Nacional

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

De harmonia com a alínea b do art. 70.º dos estatutos desta Caixa é convocada a reunião a assembleia geral no dia 13 de Dezembro, pelas 17 horas, na rua Fernandes Tomás, n.º 52, 1.º, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS:

1.º Votação dos candidatos ao Conselho Administrativo e Conselho Fiscal pela parte da Classe dos Rádio-Telegrafistas.
2.º Apreciar um parecer do Conselho Administrativo sobre a melhor execução a dar aos estatutos.

Se não comparecer número legal para a primeira convocação, fica desde já convocada a 2.ª reunião para uma hora depois com a mesma ordem de trabalhos.

O presidente da assembleia geral,

(a) J. dos Santos.

Sindicato do Pessoal do Arsenal de Marinha

“O Eco do Arsenal”

Mudaram a sua sede para a Travessa do Fala Só, 9, 1.º LISBOA

AVISO AO PUBLICO

Os novos selos postais

Informa-nos a Administração Geral dos Correios e Telégrafos: Os selos postais das novas cores começam a ser vendidos ao público no próximo dia 29, mas só têm aplicação no dia 2 de Dezembro, por isso os dias 30 de Novembro a 1.º de Dezembro se destinam aos selos comemorativos da Independência.

Luta de classes

Horário do Trabalho no Comércio

A Comissão de Melhoramentos, do Sindicato dos Empregados no Comércio e Indústria de Lisboa, avistou-se ontem com sr. ministro do Comércio, demonstrando-lhe que os argumentos aduzidos pela Associação dos Vendedores de Viveres a Retalho, concernentes à modificação do regime de 8 horas de labor, no comércio (abertura às 9 e encerramento às 19 horas) são insubstanciais e ilógicos visto a lei do horário de trabalho, n.º 5.516, em nada alterar os hábitos da população e também não afectar os legítimos interesses do consumidor. E neste sentido deixou uma representação aquela entidade onde expõe, mais circunstanciadamente, as aspirações justíssimas dos empregados no Comércio.

O referido Sindicato realiza hoje, às 21 horas, no Bairro Alto, travessa dos Engleziños, n.º 3, 1.º, a 3.ª, da 2.ª série de sessões de propaganda associativa e de esclarecimento ao rigoroso cumprimento do horário de trabalho.

Na mesma sessão serão expostos os trabalhos que tem desenvolvido em prol da uniformidade do descanso semanal e da abolição das carroças puxadas por homens e crianças.

Uma sessão contra a carestia da vida e crise de trabalho

Promovida pelo Sindicato Unico da Construção Civil de Lisboa, realiza-se amanhã, pelas 20 horas, na sede da Associação de Classe dos Cabouqueiros e Fabricantes de Cal, Estrada dos Prazeres, n.º 5, 1.ª, uma sessão em que serão tratadas a carestia da vida e a crise e horário de trabalho.

Esta sessão faz parte da série de sessões que o sindicato tentará realizar nos diversos bairros da cidade, esperando que o povo operário e os consumidores assistam às mesmas, a fim do sindicato poder cumprir a missão que lhe foi indicada pelos diversos organismos da Construção Civil.

Anunciando a sessão este sindicato fez distribuir um vibrante manifesto. A sessão foi autorizada pelo general governador militar de Lisboa.

Secção telegráfica

Federações

METALÚRGICA

Sindicato Metalúrgico de Évora. — Recebemos officio e credencial. Aguardem officio. Seguem boletins estatísticos.

Sindicato Metalúrgico do Porto. — Recebemos officio. Aguardamos o outro. **Comité do Norte.** — Idem.

Tribunal de Arbitros Avidores

Realizaram-se no sábado neste tribunal os seguintes julgamentos: João Pedro Mendonça, carpinteiro, ferido na planta do pé esquerdo, quando ao serviço de Eduardo Ribeiro, que foi condenado a pagar ao autor 91\$66 de 2/3 do salario e medicamentos.

Ventura Pereira, trabalhador, ferido na mão esquerda por explosão de pedreira. Recessão do 4.º e 5.º metacarpo e amputação dos 4.º e 5.º dedos, quando trabalhava por conta da Junta de Paróquia de Cachoeiras (Vila Franca de Xira) que foi condenada a pagar ao autor 504\$500 correspondentes a 56 dias de incapacidade absoluta e mais a pensão mensal de 71\$83, equivalente à desvalorização de 70 %. Joaquim Paixão, trabalhador ao serviço da Companhia União Fabril, o Tribunal confirmou a desvalorização de 10 % fixada no exame médico a que o sinistrado foi submetido em 14 de Novembro do ano findo.

Francisco Amaro e sua mulher Maria Antónia Dias, pais do sinistrado Joaquim Amaro, serralleiro, os quais pediam para que lhes fosse estabelecida a pensão consignada na alínea d) do artigo 9.º do decreto 5637. O Tribunal absolveu a ré Mutualidade Portuguesa, por se provar que a alimentação dos pais do sinistrado não estava a cargo deste.

No próximo dia 3 de Dezembro realizam-se os seguintes julgamentos: Maria da Conceição Ferreira e Joaquim Fernandes, orfãos de Joaquim dos Santos, carroceiro, contra a firma Angelo Maria Vieira Borges.

Maria da Luz Pimentel Tavares, mãe da sinistrada Maria Helena Pimentel Tavares contra Joaquim Cesar Paiva, dentista, e João Henriques Gomes, pintor, contra a Companhia de Seguros «A Mundial».

AGREMIACÕES VÁRIAS

Liga pró-moral. — Esta benemérita instituição realiza no domingo, 19 de Dezembro, no Gimnasio do Liceu Olí Vicente, a sua festa anual da infância, na qual serão apresentadas 100 crianças vestidas e calçadas a expensas desta Liga.

A festa revestirá um carinhoso aspecto de confraternização infantil, devendo nela tomar parte o orfeão da Voz do Operário, adquirentes e a banda de um dos Internatos da capital.

Esta colectividade, que tem exercido uma intensa acção de assistência, mas que vive sómente das pequenas cotas dos seus associados, está neste momento dirigindo um apelo a várias casas comerciais, companhias e outras entidades, no sentido de obter donativos para o desenvolvimento da sua humanitária missão, missão que a Liga pretende ampliar de maneira a poder tomar a seu cargo algumas crianças orfãs e indigentes, que ficarão como suas pupilas.

Solidariedade

Realiza-se no dia 5 de Dezembro uma festa de homenagem ao operário Domingos Gonçalves que se encontra doente, subindo a scena o drama em 3 actos «Gatunos de Luva Branca» e a comédia «Pecado de Simoni». Esta festa tem lugar no Salão de Festas da Construção Civil, calçada do Combro, 38, A, 2.º.

Todos os camaradas e Sindicatos podem procurar os bilhetes no Sindicato dos Manipuladores de Pão, calçada Castelo Branco Saraiva, 42, 1.º

VIDA SINDICAL

C. G. T.

Comissão de Estudo de «A Batalha»

Reúnem-se hoje, pelas 21 horas, os membros da Comissão de Estudo de A Batalha nomeados na última reunião do Conselho Confederal.

Conselho Jurídico

Reúnem-se amanhã, pelas 21 horas, os membros do Conselho Jurídico anterior com os nomeados ultimamente.

Comunicações

Sindicato único metalúrgico do Porto. — Reuniu na passada quarta-feira a assembleia geral para se ocupar da seguinte ordem de trabalhos: nomeação de um delegado ao Conselho Confederal e ratificação da nomeação do camarada Ferreira da Silva também delegado, mas já indicado pela comissão administrativa. Sobre o primeiro, ficou nomeado Fernando d'Almeida Marques. Sobre o segundo foi sancionada a nomeação de Ferreira da Silva, falando ainda alguns camaradas que alvittraram para que se oficiasse a esse camarada indicando-lhe qual a posição que tem a tomar no mesmo conselho.

Entrando-se nos vários assuntos, Vaz Osório, secretário geral do sindicato, diz não aceitar como boa a atitude da Federação, na última reunião do Conselho Confederal, pois entende que deve ser respeitada a autonomia dos sindicatos.

Apela para que a assembleia se pronuncie sobre tão momentoso assunto. Falaram ainda, reprovando a atitude da Federação, Inácio Martins, Dionísio Gomes, Amândio Pinto e outros. O camarada Rainha depois de se alongar em considerações apresenta a seguinte moção:

O S. U. Metalúrgico do Porto, reunido em assembleia geral e apreciando a atitude tomada pelos delegados da Federação Metalúrgica a C. G. T., a propósito da admissão dos delegados da U. S. O. de Évora, F. C., C. G. T. e Sindicato dos Mineiros de S. Domingos, ao Conselho Confederal:

Considerando que essa atitude não se condiz com o espírito de tolerância e autonomia que deve ser a característica da organização Operária a mesma tem adoptado;

Considerando que cabe aos sindicatos velar pela orientação dos organismos centrais, imprimir a estes a verdadeira ideologia revolucionária;

Considerando que dentro deste critério tem este sindicato de imediatamente pronunciar-se, de forma a salvaguardar os princípios e ideologia aprovada nos congressos corporativos da organização metalúrgica, e no último congresso confederal;

Considerando que a atitude assumida pelos delegados da Federação Metalúrgica se prezava dum passado revolucionário, nem tampouco pode exprimir os votos dos sindicatos seus aderentes, o Sindicato Unico Metalúrgico do Porto, congratulando-se pela resolução do Conselho Confederal como prova de respeito pelos princípios revolu-

cionários que têm orientado a organização operária portuguesa e ainda como a melhor forma de conciliar toda a família operária, resolve:

1.º Reprovar a atitude tomada pelos delegados da F. Metalúrgica na referida questão por julgar a norma prejudicial para a organização e contrária ao sindicalismo libertário.

2.º Propôr à Federação Metalúrgica para imediatamente fazer substituir aqueles delegados por outros camaradas que nitidamente interpretem a ideologia da Federação. Depois de aprovada esta por unanimidade foi encerrada a sessão.

Corticeiros de Belém. — A comissão administrativa deste sindicato, apreciando a falta de comparencia às reuniões dos camaradas corticeiros desta área, atitude esta que só traz o enfraquecimento deste sindicato e bem assim da organização local, apela para a consciência de todos os camaradas a máxima solidariedade moral e material visto que a situação que está atravessando não é de molde a indiferentismos e alheamentos a assuntos que lhes dizem respeito, como seja a baixa de salários que alguns industriais pretendem impor ao seu pessoal operário e a grave crise de trabalho que assola uma grande parte dos operários desta área e de todo o país.

Sindicato Unico Mobiliário. — Este organismo convida mais uma vez os camaradas que ficaram com bilhetes para a festa dos presos por questões sociais e que os não liquidaram que o façam o mais breve possível, pois que aqueles camaradas não devem esperar pelo nosso auxilio.

Convocações

REUNEM HOJE:

Federação Mobiliária. — Pelas 20 horas a comissão administrativa. Devido à urgência dos assuntos a tratar é conveniente a comparencia de todos os componentes.

Sindicato Unico Mobiliário. — Pelas 21 horas os corpos gerentes e os militantes que têm dado o seu esforço por este organismo para se apreciar um trabalho pro-levantamento do sindicato.

Pelas 20 horas, a comissão administrativa.

Impressores Tipográficos. — A direcção, às 21 horas.

S. U. C. Civil. — Conselho de secções. — Pelas 20 horas o conselho de delegados.

Comissão Administrativa. — Pede a comparencia neste sindicato, pelas 21 horas, dos militantes da indústria, da área de Campo de Ourique para fazerem a distribuição dos manifestos para a sessão que se efectua amanhã, na sede dos Cabouqueiros e Fabricantes de Cal.

União Têxtil. — A direcção, pelas 21 horas.

Fragateiros do Porto de Lisboa. — Pelas 19 horas, a assembleia geral.

S. U. Metalúrgico. — Pelas 21 horas, a assembleia geral, para apreciar o relatório dos delegados ao Congresso dos Sindicatos Operários e apreciar o novo estatuto do sindicato.

FESTAS ASSOCIATIVAS

Os Manipuladores de Pão inauguraram anteontem a sua nova sede e descerraram o retrato de Domingos Pereira

Com grande concorrência realizou-se anteontem a anunciada inauguração da nova sede do sindicato dos operários Manipuladores de Pão.

A sede que se encontrava ornamentada de bandeiras de diversos organismos operários, tinha um aspecto agradável. Abriu a sessão pelas 20 horas, presidindo Silvino de Noronha, delegado da C. G. T., e secretariado Silva Campos da Câmara Sindical do Trabalho, e Pedro Paz pelos Manipuladores de Pão.

Após largos discursos de propaganda sindical, feitos pelos delegados dos organismos acima citados e dos Marinheiros e Moços e Sindicato Unico Metalúrgico, e diversos componentes dos Manipuladores de Pão, foi por todos demonstrada a grande necessidade que existe de todos os operários que compõem os diversos ramos de indústrias se unirem para dar combate ao inimigo comum — o capitalismo.

Foi por todos lembrada a conveniência de todos os organismos da alimentação serem aderentes à sua Federação, porquanto será ela no futuro que trará às classes dos diversos ramos que a compõem aquela vitalidade de que hoje tanto necessitam.

Procedeu-se em seguida ao descerramento do retrato do militante desta classe que em vida se chamou Domingos Pereira, sendo enaltecidas as suas qualidades de operário consciente e revolucionário que perdeu a vida na defesa e engrandecimento da organização operária.

Finda a sessão solene e após um intervalo realizou-se um sarau dramático que foi abrilhantado e executado por um bem organizado grupo de amadores em que tomou parte a União Dramática, o Nusal Infantil, o Grupo «Os Serenos», e o grupo musical dos Manipuladores de Pão.

“A Voz Sindical”

Pelo motivo de não ter sido acessível à comissão administrativa do jornal A Voz Sindical a passagem de suficiente número de rifas para o sorteio da estatura «O Semeador» a favor do referido jornal, torna-se publico que ele fica adiado «sine die».

Logo que esta dificuldade esteja superada a referida comissão participará a todos os interessados e marcará em definitivo o dia do sorteio.

Lembra, contudo, que a ocasião que ora se apresenta de todos os camaradas prestarem auxilio a um jornal revolucionário e a de poderem habilitar-se a posse dum tiro de arte do militante António Casimiro não deve ser desprezada por quantos lutam pelo advento da emancipação humana.

Para isso lembra ainda que as rifas devem ser requisitadas à administração da Voz Sindical — Setúbal.

Curso popular de naturismo

Fundou-se na Sociedade Naturista Portuguesa um curso popular de naturismo. Os seus objectivos são a difusão de conhecimentos para manter e avigorar a saúde, regenerar defeitos físicos, combater os vícios, educar os menores para a luta pela vida e encaminhar os indivíduos na conquista do bem-viver.

O curso é dirigido pelo dr. Bentes Castelo Branco e iniciará-se há no dia 7 de Dezembro próximo. Funcionará às terças e sextas feiras, às 22 horas, na rua da Madalena, 225, 1.º.

A MORAL BURGUESA

A Federação das Cooperativas trata os seus empregados como capitalistas

A Federação Nacional das Cooperativas tomou agora uma decisão que muito prejudica as precárias condições do pessoal que está sob as suas ordens.

Para os armazens reguladores foi enviada uma ordem de serviço, exigindo aos empregados a immediata caução de 5.000 escudos, como fiança abonatória.

Sucede que a maior parte do pessoal não está em circunstâncias morais e financeiras para prestar a caução exigida, estando, pois, na iminência de um despedimento injusto. O pessoal dos armazens reguladores foi admitido pela Bolsa Agrícola, sob fiança de 2.000\$00 garantida